

Maria Emiliana Lima Penteado

**ABORRESCENTE: ABORRECIDO OU EM BUSCA DE
AUTORIA?**

**Investigação sobre o significado atribuído por
adolescentes a diferentes espaços educacionais.**

**PUCSP
2010**

MARIA EMILIANA LIMA PENTEADO

**ABORRESCENTE: ABORRECIDO OU EM BUSCA DE AUTORIA?
Investigação sobre o significado atribuído por adolescentes a
diferentes espaços educacionais.**

Monografia apresentada como exigência parcial para
obtenção do Certificado de Especialização em
Psicopedagogia – Curso de Pós – Graduação “Lato
Sensu” da PUCSP – COGEAE.

Orientadora: Professora Dra. Maria Lúcia de Almeida
Melo.

PUCSP
2010

Dedico este trabalho aos alunos monitores,
que de uma forma muito especial, comigo
trilharam a trajetória desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus que está sempre presente em minha vida, orientando-me e guiando-me em minha caminhada rumo ao conhecimento.

A minha mãe que sempre depositou em mim a esperança, a confiança e a alegria de poder transformar a vida.

Ao meu marido que sempre acreditou em mim, que me dá forças e me acompanha de mãos dadas na caminhada da vida e do conhecimento.

Aos meus filhos, que conservam a paciência construindo seus caminhos e descobrindo – se com e no mundo.

Aos meus familiares, que de uma maneira inusitada cultivaram em mim o desejo de estar sempre caminhando a procura de descobertas e ir além.

Em especial a minha adorável mestra e orientadora, Prof. Dra. Maria Lúcia, pelo acolhimento e inspiração.

Aos meus amigos que compartilham comigo a importância de cultivar a esperança e a crença no ser humano.

E finalmente, a todos que mesmo sem se dar conta, contribuíram de forma positiva para a conclusão deste curso e com certeza dos demais.

Aprendendo das cozinheiras

Cozinha: ali se aprende a vida. É como uma escola em que o corpo, obrigado a comer para sobreviver, acaba por descobrir que o prazer vem de contrabando. A pura utilidade de alimentar-se, coisa boa para a saúde, pela magia da culinária, torna-se arte, brinquedo, fruição, alegria. Cozinha, lugar dos risos...

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho consiste em uma pesquisa qualitativa voltada para investigar o significado atribuído por adolescentes a diferentes espaços educacionais. Foi realizada com sete sujeitos adolescentes, estudantes de uma escola pública municipal, situada na periferia de São Paulo em um Centro Educacional Unificado - CEU. Os adolescentes fazem parte de um projeto denominado Alunos Monitores do CEU, que tem como objetivo o protagonismo juvenil. A pesquisa utilizou o enfoque fenomenológico e psicopedagógico. Utilizou-se da Fenomenologia por se tratar de uma investigação do vivido e da Psicopedagogia para subsidiar a compreensão e reflexão dos fenômenos revelados. O embasamento teórico da pesquisa está na leitura de autores como M. Merleau-Ponty, Joel Martins, Yolanda Forghieri, Vitória Helena C. Espósito, Maria Aparecida V. Bicudo, Mauro Martins AmatuZZi, Ernest Keen, Jean Piaget, Sara Paín, Alicia Fernández e Maria Lúcia de A. Melo, entre outros. A pesquisa procurou revelar como os adolescentes significam os espaços educacionais por onde transitam. Os estudantes relataram por escrito como se sentem, o que pensam e como agem nesses espaços, ou melhor, o que significam para eles os diferentes espaços educacionais. Os resultados da pesquisa revelaram que os estudantes significam os diferentes espaços educacionais como sendo especialmente significativos, potencialmente significativos e menos significativos. Os espaços especialmente e potencialmente significativos foram assim reconhecidos por ganharem maior destaque nos discursos, como sendo os melhores, especiais ou possibilitadores de algo em potencial. Os espaços menos significativos foram identificados por não assumirem, na maioria dos discursos, destaque ou dimensões tão consideráveis em relação aos considerados especiais ou potenciais.

Palavras-chaves: Fenomenologia - Espaço – Especialmente – Potencialmente.

ABSTRACT

This work is about the research qualitative focused to inquire the signification attributed by adolescents to different educational spaces. Was maked with seven subjects teenagers, students by school govern municipal , located on the outskirts of Sao Paulo in an education center – CEU. There adolescents belong to the project named “Students Monitors CEU”, where the purpose the protagonist young. The research used and get phenomenological and psychopedagogical. Was used phenomenology as it is an investigation of the lived and Psychoeducation to support the understanding and reflection and compression of the phenomena revealed. The theoretical research is in the reading of authors such as M. Merleau-Ponty, Joel Martins, Yolanda Forghieri, Victoria Helena C. Espósito, Maria Aparecida V. Bicudo, Mauro Martins Amatzuzi, Ernest Keen, Jean Piaget, Sara Pain, Alicia Fernández and Maria Lúcia de A. Melo, between others. The research try to reveal how teenagers do the educational spaces through which they travel. Students reported in writing how they feel, what they think and how they act in these spaces, or rather, what they mean for the different educational activities. The survey results revealed that students do the different educational areas as being particularly significant, potentially significant and least significant. The spaces especially and potentially significant were well recognized to win more highlighted in the speeches, as being the betters, specials or enablers of something in potential. The spaces less significant was identify for not taking in majority of discourse, position, or dimensions so considerable in relationship to consider special or potencial.

Keywords: Phenomenology - Space –Especially – Potentially.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	
1.1 <i>Uma trajetória...Descobertas</i>	12
1.2 <i>O que é pesquisa fenomenológica?</i>	19
2 A PESQUISA	
2.1 <i>Informações introdutórias</i>	25
2.2 <i>Discursos dos sujeitos adolescentes</i>	27
2.3 <i>Compreensão dos discursos</i>	
2.3.1. <i>Enfoque léxico</i>	30
2.3.2. <i>Enfoque sintático</i>	31
2.3.3. <i>Enfoque fenomenológico</i>	32
2.3.4. <i>Quadros Sinópticos</i>	34
3. INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS – 1º NÍVEL	
3.1. <i>Convergências</i>	41
3.2. <i>Quadro sinóptico – convergências</i>	42
3.3. <i>Considerações</i>	43
4. INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS – 2º NÍVEL	
4.1. <i>Síntese dos discursos</i>	50
4.2. <i>Abordagem Fenomenológica</i>	51
4.3. <i>Abordagem Educacional e Psicopedagógica</i>	55
5. REFLEXÕES PSICOPEDAGÓGICAS	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	74
ANEXOS	76

INTRODUÇÃO

Para iniciar este trabalho fiz um exercício mental muito importante: o pensar. Visitei meu passado muitas vezes, procurando fatos que me incomodaram ou que continuam a me incomodar. Descobri que muitos desses incômodos já não existem mais, outros se tornaram menos relevantes, porém alguns ainda continuam presentes.

Sou graduada em Pedagogia. Estive na função de Professora Orientadora de Informática Educativa durante sete anos, numa escola da rede municipal de São Paulo. Além de ministrar aulas, também exercia um trabalho de orientação e implantação de projetos educativos ligados à Informática Educativa junto a professores e alunos.

Nesse período criei e implantei um Projeto intitulado “Alunos Monitores de Informática Educativa”. Os alunos participantes eram adolescentes de 13 a 15 anos. O Projeto tinha como objetivo principal promover espaços para participação dos adolescentes na escola. O primeiro espaço a ser potencializado foi o Laboratório de Informática Educativa, sendo ampliado posteriormente para outros espaços da escola.

Em 2008, fui convidada a assumir um cargo de Coordenadora de Projetos Educacionais em um Centro Educacional Unificado – CEU, onde trabalho atualmente. Chegando lá, encontrei muitos desafios, coordenar projetos já implantados e criar outros. Tive a oportunidade de implantar o projeto “Alunos Monitores do CEU”. O projeto é acompanhado por mim, coordenadora de projetos educacionais e ainda por coordenadores do núcleo cultural e esportivo. Além de uma coordenadora de informática. Tal projeto segue os princípios do projeto piloto “Alunos Monitores de Informática Educativa”. Porém, no atual momento, ganha maior dimensão e algumas diferenciações.

Novamente estava diante de alguns incômodos que continuavam a me perseguir. Os incômodos a que me refiro são em relação aos comentários e resistências relacionadas aos adolescentes, por parte de professores, funcionários e familiares que fazem parte do meu universo de trabalho.

Muitos professores consideram um trabalho penoso conviver com os adolescentes e se reportam aos mesmos como sendo problemáticos em sala de aula; desatentos, folgados, agressivos, distantes, arrogantes, aborrecidos e perdidos.

“Aborrescentes”: É um termo muito utilizado pela maioria das pessoas quando falam desses sujeitos adolescentes. De onde vem esse aborrecimento adolescente? E o que é que me incomoda tanto nessa história? O que eu quero saber sobre esse assunto realmente?

Os adolescentes tornam-se dessa maneira uma “facção” da escola, escolhida para ser o depósito das queixas. Acabam formando um “gueto” dentro da escola, pois são constantemente considerados sujeitos numa fase problemática e aborrecida. Fase da qual, todos querem fugir, principalmente professores e pais, ou pressioná-los para assumirem posturas adultas.

No meio a essa problemática está o projeto de Alunos Monitores, onde é observado o oposto desse comportamento. Os adolescentes conseguem se revelar como pessoas diferentes daquelas descritas acima.

Diante do descrito acima, surgiram mais questionamentos, e estes foram importantes para viabilizar minha pesquisa e encontrar uma questão norteadora. Percebi que minha principal inquietação estava em compreender os significados atribuídos por adolescentes a diferentes espaços educacionais, considerando a vivência desses alunos. Acredito que a melhor maneira de compreender é perguntando diretamente aos sujeitos envolvidos sobre o que desejo esclarecer.

Para isso, elaborei uma pesquisa com alunos adolescentes, entre 13 e 15 anos, que fazem parte do projeto “Alunos Monitores do Centro Educacional Unificado – CEU”. A pesquisa feita visa compreender, a partir da vivência desses adolescentes, recuperada e descrita em seus depoimentos, o que significam para eles, os diferentes espaços educacionais, ou seja, como percebem, pensam, se sentem e agem quando neles se encontram.

Minha decisão em realizar esta pesquisa partiu da recuperação de uma experiência profissional significativa, reconhecida e favorecida pelos muitos estudos realizados, durante o curso de Psicopedagogia. O curso propiciou a construção de uma

trajetória metodológica sólida que serviu como uma rede de proteção para definir a monografia aqui apresentada.

Assim, esta monografia está construída a partir de uma experiência pessoal. Esta experiência que levou a escolha de uma orientação teórico-metodológica dentro do campo da Fenomenologia, onde me senti mais amparada para formatar meus estudos e realizar a pesquisa.

Diante dessa formatação, o primeiro capítulo explicita o caminho percorrido para construção dessa trajetória: as indagações importantes para entender a natureza do trabalho; o referencial teórico inicial e processual que permearam esta construção e que contribuíram significativamente para compreensão do método utilizado. O segundo capítulo está dedicado à pesquisa, com a descrição e compreensão dos discursos dos sujeitos pesquisados, considerando os enfoques: léxico, sintático e fenomenológico. No terceiro capítulo, encontra-se a interpretação dos discursos, com ênfase nas convergências encontradas, caracterizando um primeiro nível de interpretação. O quarto capítulo apresenta um segundo nível de interpretação dos discursos considerando as áreas da Fenomenologia, Educação e Psicopedagogia. O quinto capítulo está voltado para reflexões psicopedagógicas. O trabalho é finalizado com algumas considerações e reflexões sobre Educação propostas pela autora.

1. Trajetória Metodológica

1.1. *Uma trajetória...Descobertas.*

O processo da vida se opera em tentativas sucessivas de libertação. Estamos todos os dias renovando, na criatura que fomos na véspera, a criatura que seremos no amanhã. Mais do que renovando-a: refazendo-a, porque não tornamos a ser jamais o que fomos, salvos apenas de uma velhice posterior, mas construímos de fato uma vida própria, que das outras só guarda a lembrança das experiências e uma certa memória de duração com que vamos acreditando na sua continuidade.

Cecília Meireles

O que é uma trajetória? Na minha formulação, respaldada pelos conhecimentos construídos e significados no decorrer das minhas experiências de aprendizagem, posso dizer que, para mim, trajetória significa um caminho traçado para ser percorrido e assim alcançar algo almejado.

Além de resgatar a minha formulação do conceito de trajetória, recorro também ao léxico¹ para investigar outras formulações, ampliando com isso, o entendimento e a compreensão da palavra.

E o que é almejado? Bem, posso responder a esta questão com outras questões que virão à tona no decorrer do trajeto, pensando na ação do corpo em movimento e na força que o impele a alcançar algo. Tal movimento e força é que me fazem dar início às minhas formulações em relação ao meu trajeto metodológico.

Escolhi fazer um trabalho de investigação do vivido. Onde o almejado, ou seja, a resposta à questão norteadora da pesquisa é entender os significados atribuídos por sujeitos adolescentes a diferentes espaços educacionais.

¹ Antonio HOUAISS e Mauro Salles VILLAR. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

Para isso precisei entender onde cabe esse tipo de investigação. Fui orientada pela Professora Maria Lúcia Melo a recorrer aos estudos da Fenomenologia. Não posso discorrer nesse trabalho a profundidade reflexiva a que a Fenomenologia remete. Por isso, fiz recortes de algumas, das diversas leituras que foram significativas, para dar suporte a esse entendimento inicial.

Entendo que estou apenas na porta de entrada da Fenomenologia. Para ter o mérito de falar com propriedade dessa maneira de fazer pesquisa, seriam necessários muitos anos de estudo e dedicação.

Como não houve tempo para maiores aprofundamentos nesse modo de fazer pesquisa, cabe aqui ressaltar que dediquei o tempo estabelecido para tentar entender de forma segura o sentido da pesquisa fenomenológica. Estabeleci um diálogo constante com dicionários e livros de autores que me transportaram às origens filosóficas da Fenomenologia, falando-me de Husserl e Heidegger e outros tantos adeptos dessa forma de fazer pesquisa. Por meio de autores como Merleau-Ponty, Martins, Bicudo, Espósito, Forghieri e outros, tentarei discorrer durante meu trajeto construído até o momento, aquilo que consegui compreender sobre a polêmica Fenomenologia.

Entendo que é “caminhando que se faz o caminho...” Preciso fazer escolhas e buscar compreendê-las para continuar o percurso. Escolhi o caminho da pergunta. Afinal, estou fazendo uma pesquisa...Uma pesquisa do vivido. Por que pesquisar o vivido remete a Fenomenologia? E o que significa o vivido?

Para responder as estas e outras diversas perguntas que foram aparecendo do decorrer dessa construção, fiz um apanhado das leituras que julguei importantes para compor o corpo desta monografia.

Início com Amatuzzi ² que define o vivido como sendo a experiência imediata, vivência pré-reflexiva, ou dado imediato da consciência. Ou seja, o vivido é a experiência pura, tal como ela é ao mundo, livre de pré-conceitos e reflexões. O vivido é colocado em evidência por meio da descrição dos significados das experiências do cotidiano.

² Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, vol. 13, nº 1, p. 5 -10

E é isso que pretendo fazer ao pesquisar o significado atribuído pelos adolescentes a diferentes espaços educacionais. Investigar a experiência vivida cotidianamente por esses adolescentes nesses espaços educacionais. É o vivido colocado em evidência.

Mas, o que o vivido tem a ver com a Fenomenologia? O que é Fenomenologia? De onde vem essa palavra? Penso em fenômeno. Seguindo estes questionamentos vou buscar primeiramente a definição da palavra *fenômeno*, recorrendo primeiramente ao léxico.

No dicionário etimológico³ encontrei as seguintes definições para a palavra *fenômeno*:

*“Tudo que é percebido pelos sentidos ou pela consciência”
“maravilha, raridade”. Do latim phaenomenon, derivado do grego phainómenon.*

Continuei buscando o entendimento da palavra *fenômeno* para chegar a *Fenomenologia*. Utilizando os quadros de Lopes⁴

QUADRO 1

1.1 Fenômeno

-
1. Senso comum: acontecimento surpreendente; pessoa com dom fora do usual.
 2. Sentido científico: o que é aparente, observável, o fato;
 3. Sentido filosófico: a manifestação sensível de.....(Kant);
 4. Sentido fenomenológico: o que se dá a conhecer e se torna inteligível por si próprio.

³ Antônio Geraldo da CUNHA. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa.

⁴ Fenômeno e sintoma. Fenomenologia e Psicologia.

QUADRO 2

1.1.1 Fenômeno-Logia

1. Fenômeno ← logos: estudo (razão) dos fenômenos
2. Fenômeno → logos: procura do logos pelo fenômeno.

Entendo até aqui que há uma relação intrínseca entre vivido e fenômeno, ou seja, um é inerente ao outro. Na experiência dessa pesquisa, vejo que o que desejo é esclarecer o que ocorre na experiência desses sujeitos adolescentes, ou seja, compreender os fenômenos que se manifestam no vivido.

Começo então a estabelecer uma conexão entre o vivido e o fenômeno. Entender que *fenômeno* é o que se manifesta para uma consciência, tornando-se inteligível, revelando uma intencionalidade.

Voltando ao quadro 2 de Lopes, onde se encontra a formação e os significados da palavra Fenomenologia – estudo dos fenômenos, volto ao questionamento sobre o que significa Fenomenologia, agora com mais clareza sobre o sentido da palavra.

O filósofo e psicólogo francês Jean Jacques Maurice Merleau-Ponty⁵ coloca a pergunta “o que é fenomenologia” no prefácio do livro “Fenomenologia da percepção”, evidenciando que há ainda uma polêmica em torno desta questão quando a Fenomenologia é entendida como uma doutrina que já disse tudo e que não consegue se definir, por pretender descrever fielmente e diretamente a experiência vivida, sem considerar a gênese psicológica e as explicações causais que o sábio, historiador ou o sociólogo podem fornecer dela. Pois, antes de tudo a Fenomenologia trata de descrever o fenômeno e não de explicar nem de analisar. Mas, a seriedade com que é praticada e reconhecida a faz se definir como um movimento que reúne discípulos que se

⁵ Fenomenologia da Percepção, p. 5.

reencontram em autores como Hegel, Kierkegaard, Marx, Nietzsche, Freud e outros. O movimento fenomenológico é contrário ao pensamento de que somos o resultado ou o entrecruzamento das múltiplas causalidades do universo da Ciência. Defende o sentido da Ciência como expressão do mundo vivido, da experiência primeira, pré-reflexiva que se tem com o mundo, ou seja, que o faz existir.

Define a Fenomenologia como o estudo das essências. Mas, que também é uma filosofia que substitui as essências, que transcende, que coloca em suspensão a atitude natural, ou seja, a atitude que adotamos no cotidiano. Uma filosofia que se esforça em reencontrar o contato puro e ingênuo com as coisas mesmas que estão no mundo, antes da reflexão. A Fenomenologia ambiciona descrever de forma exata e direta nossa experiência vivida, tal como ela é, colocando em exposição, espaço, tempo e mundo “vivos”. Sendo assim, o importante na fenomenologia é a descrição dos fenômenos, da experiência vivida.

Assim como traduz o poeta:

O Meu Olhar

O meu olhar é nítido como um girassol.
 Tenho o costume de andar pelas estradas
 Olhando para a direita e para a esquerda,
 E de, vez em quando olhando para trás...
 E o que vejo a cada momento
 É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
 E eu sei dar por isso muito bem...
 Sei ter o pasmo essencial
 Que tem uma criança se, ao nascer,
 Reparasse que nascera deveras...
 Sinto-me nascido a cada momento
 Para a eterna novidade do Mundo...
 Creio no mundo como num malmequer,
 Porque o vejo. Mas não penso nele
 Porque pensar é não compreender ...
 O Mundo não se fez para pensarmos nele

(Pensar é estar doente dos olhos)
 Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...
 Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...
 Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é,
 Mas porque a amo, e amo-a por isso,
 Porque quem ama nunca sabe o que ama
 Nem sabe por que ama, nem o que é amar ...
 Amar é a eterna inocência,
 E a única inocência não pensar...

O Guardador de Rebanhos - Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa)

Também no prefácio do livro *Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação* de Joel MARTINS e Maria Ap. BICUDO, fica claro que a Fenomenologia busca enfocar o *fenômeno*, entendido como aquilo que se mostra, que se manifesta de diferentes maneiras. A Fenomenologia olha para esse fenômeno na sua totalidade em seus diferentes modos de aparecer, sem deixar-se contagiar com pré-conceitos que podem trazer definições pré-estabelecidas com explicações e teorias que pretendem enquadrá-lo.

Joel MARTINS e Maria Ap. BICUDO apresentam a postura de um pesquisador fenomenológico, que deve dirigir-se ao fenômeno, procurando vê-lo da forma como se mostra na própria experiência em que é percebido, buscando “ir-à-coisa-mesma”, mas tendo a sensibilidade de perceber-se nessa experiência. Aqui fica evidenciado que, numa visão fenomenológica, Sujeito e Objeto não são separados.

Para entender melhor esta visão, pois, é importante ressaltar que no âmbito da filosofia, como esclarece França⁶, a relação entre sujeito e objeto vinha sendo estudada de maneira a privilegiar um dos pólos em questão, ou seja, ora o sujeito, ora o objeto separadamente. Quando se privilegiou o sujeito, a atividade cognitiva, o conhecimento dava-se pelo subjetivismo, isto é, acredita-se que o conhecimento seria encerrado no próprio sujeito, criando uma lacuna no contato com a realidade objetiva. No outro pólo da relação, quando o objeto era privilegiado, o conhecimento seria adquirido de forma

⁶Psicologia fenomenológica: uma das maneiras de se fazer, p.22 e 23.

objetiva, ou seja, de forma externa ao sujeito, agindo sobre o mesmo, deixando o pensamento do sujeito, sua subjetividade passíveis da realidade exterior; o objeto age sobre o sujeito. O dualismo subjetivo-objetivo ou doutrinas idealistas e materialistas serviriam como base para escolha dos pressupostos epistemológicos que definiriam a prática e a busca do conhecimento. Não só na Filosofia, estas doutrinas filosóficas, determinaram ou ainda determinam e direcionam diferentes áreas das atividades humanas.

Ao contrário destas concepções filosóficas, o pensamento do movimento fenomenológico está fundado em compreender a relação entre sujeito e objeto, sem privilegiar ou polarizar. Nas palavras de França,

“... a Fenomenologia não se tem em conta o dualismo sujeito-objeto, ou melhor, consciência-mundo. Um é determinante do outro, pois não pode haver a consciência desvinculada de um mundo para ser percebido, nem é possível haver o mundo sem que haja uma consciência para percebê-lo. Em outras palavras, não há homem sem mundo, tanto quanto não há mundo sem homem. A relação é de mútua dependência. Relação esta que se estabelece pela *intencionalidade*”.

Ainda segundo França, o termo *intencionalidade* foi utilizado por Franz Brentano, filósofo alemão que traz o conceito dos escolásticos⁷ (“indicação” indicava uma direção do espírito para o objeto). Para Brentano, a consciência é intencional, tende sempre para alguma coisa. Esta idéia foi retomada por Husserl, sendo amplamente aprovada e aproveitada pelos fenomenológicos, que tem a máxima na frase “a consciência é sempre consciência de alguma coisa”. Entende-se que a intencionalidade da consciência é uma abertura para o mundo, um elo de ligação entre sujeito e objeto.

Aqui encontro um *link* para a decisão da escolha do método pretendido para fazer a pesquisa apresentada neste trabalho. São os fenômenos revelados e significados no cotidiano de nossas vidas que estão presentes na proposta

⁷ Relativo ou pertencente à escolástica. Escolástica: Doutrinas teológico-filosóficas dominantes na Idade Média, dos sécs. IX ao XVII, caracterizadas, sobretudo pelo problema da relação entre a fé e a razão.

investigadora da Fenomenologia que me convidam a trilhar o caminho escolhido, o caminho da busca de compreender o significado do vivido.

Até aqui procurei compreender de forma significativa o porquê do meu trabalho estar situado no campo da Fenomenologia. Mas e agora? Como se faz uma pesquisa fenomenológica? Existe apenas um tipo de pesquisa fenomenológica?

1.2. O que é pesquisa fenomenológica?

Amatuzzi ⁸ diz que a pesquisa fenomenológica é definida como aquela que lida com o significado da vivência; um estudo do vivido e seus significados. “A fenomenologia pressupõe que o vivido seja um caminho importante, e em alguns momentos insubstituível, para a verdade, isto é, para a formulação de conhecimentos e para as decisões que devemos tomar”.

Amatuzzi ⁹ ainda apresenta alguns autores que escreveram obras importantes e com aprofundamento teórico sobre os vários tipos de pesquisa fenomenológica. Por meio de estudos desses autores faz um resumo sobre os tipos de pesquisa fenomenológica e constrói esquemas gráficos para melhor explicá-las.

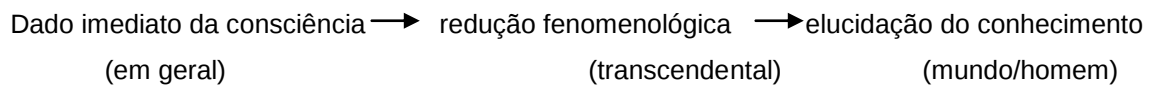
Olhando para todos os resumos e esquemas elaborados por esse autor, aos poucos vão ficando mais claros os meus próprios esquemas sobre o que penso e entendo de pesquisa fenomenológica e em qual posso encaixar a pesquisa que pretendo desenvolver.

Aqui traduzo fielmente alguns dos esquemas apresentados no artigo e que julguei serem importantes para continuar entendendo o caminho escolhido para minha pesquisa.

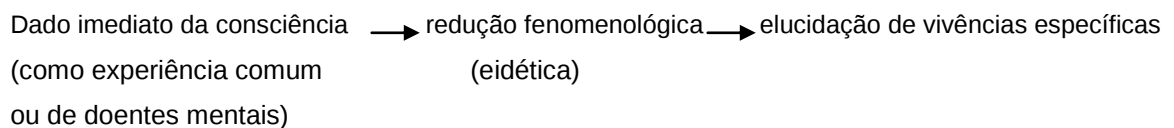
⁸ Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, vol. 13, nº 1, p. 5.

⁹ Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, vol. 13, nº 1, p. 6 – 9.

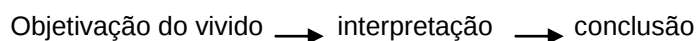
1. A pesquisa fenomenológica **como filosofia**: é um novo caminho da filosofia para esclarecer, basicamente, o conhecimento, e a partir daí o mundo (e nele o ser humano). Esse caminho é justamente o da consideração do dado imediato da consciência, da forma mais direta possível (= redução fenomenológica). Procura-se sair da perspectiva explicativa a partir das teorias ou conhecimentos anteriores, e concentrar-se na descrição daquilo que se mostra. Husserl, na virada do século 20, foi o fundador da fenomenologia. O esquema desta pesquisa seria:



2. **A fenomenologia eidética**: consiste em elucidar vivências como emoção, percepção, aprendizagem verdadeira, imaginação, a partir da experiência comum, por reflexão, e via redução fenomenológica. Sartre e Merleau-Ponty, na filosofia, e Jaspers na psiquiatria (descrevendo o vivido pelos doentes mentais, e suas estruturas gerais) são exemplos. Seu esquema seria:



3. **A fenomenologia hermenêutica**: é uma elucidação do vivido, mas que parte do pressuposto heideggeriano de que a interpretação é essencial na compreensão. Quando aplicada à pesquisa em psicologia, segue esta articulação lógica ou esquema:



Na interpretação, o vivido do pesquisador é levado em conta.

4. **Psicologia fenomenológica “empírica”,** ou “científica”: é uma aplicação do enfoque fenomenológico ao trabalho de pesquisa em psicologia como ciência que trabalha a partir de “dados empíricos” (no caso, depoimentos focais ou qualquer objetivação do vivido. Giorgi, Rahilly, Van Kaam, Joel Martins, Yolanda Forghieri, Willian Gomes seriam exemplos. Seu esquema é:

Depoimentos → elementos do significado vivido → estrutura do vivido

Seguindo os esquemas apresentados e procurando percorrer o caminho estudado analisei mais detalhadamente para tentar entender onde melhor se encaixa a pesquisa proposta.

Compreendi também que buscava compreender o vivido, ou seja, a experiência vivida por adolescentes em ambientes educacionais e que para isso seria necessário recorrer a depoimentos. Estes depoimentos precisariam ser interpretados para compreensão mais clara e fiel da essência do fenômeno estudado.

Ainda com base em AmatuZZi ¹⁰ o entendimento sobre o tipo de pesquisa fenomenológica vai ficando mais claro, quando apresenta Forghieri (1993), falando do tipo de pesquisa empírico com inspiração fenomenológica, que se desenvolve em dois momentos interrelacionados: 1)Envolvimento existencial: momento em que o pesquisador abre-se de modo livre, espontâneo e experiencial em busca da compreensão global, intuitiva, pré-reflexiva da vivência. 2)Distanciamento reflexivo: após o envolvimento experiencial, o pesquisador se afasta reflexivamente em busca do sentido ou significado da vivência.

Além de Forghieri, AmatuZZi também apresenta Amadeo Giorgi, como sendo um dos primeiros autores a sistematizar passos para serem operacionalizados na pesquisa fenomenológica. São quatro: 1) Visão global do conjunto de depoimentos para captar sentido; 2) Divisão do relato (texto) em unidades significativas (mais ou menos em parágrafos); 3) Transcrição de cada unidade em linguagem compreensiva do pesquisador; 4) Síntese final (extraíndo a estrutura do vivido).

¹⁰ Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, vol. 13, nº 1, p. 6 – 9.

Diante do que foi apresentado, posso concluir que a pesquisa a ser realizada pode ser considerada como uma *Pesquisa fenomenológica-hermenêutica*, por se tratar de uma pesquisa qualitativa baseada na descrição, compreensão e interpretação dos depoimentos dos sujeitos pesquisados, ou melhor, dos significados existentes nestes depoimentos.

A trajetória fenomenológica é iniciada a partir dos incômodos do pesquisador. Incômodos estes que o levam a levantamentos de questionamentos e dúvidas sobre situações observadas e vivenciadas no cotidiano, como aconteceu nesta pesquisa. A maneira pela qual o pesquisador irá escolher para compreender os questionamentos levantados também faz parte desta trajetória e forma a estrutura da pesquisa fenomenológica.

Dentro desta maneira de fazer pesquisa, é importante esclarecer que ocorrem três momentos interligados, que devem ser respeitados e não colocados como uma seqüência, porém são fundamentais para que seja mantido o rigor fenomenológico.

- ✓ **A epoché¹¹** – Momento que o pesquisador precisa colocar em suspensão seus conceitos, libertando-se de pré-conceitos para chegar à essência do fenômeno. Pode-se dizer, que neste momento o pesquisador necessita despir-se de suas teorias, porém não significa que o seu pensar seja dispensado, pois para chegar até aqui, parte de um nível pré-reflexivo para o reflexivo, isto ocorre *à medida que toma consciência e vai chegando a inteligibilidade do fenômeno* (BICUDO e ESPÓSITO, p. 38, 1994). Para Forghieri (p. 59, 1993), o pesquisador, utiliza-se da sua própria vivência para estudar a vivência de outras pessoas. Mas,

¹¹ A *epoché*, conceito-chave na fenomenologia contemporânea, deriva de formulação muito antiga, oriunda do ceticismo grego. Na definição de um dos principais céticos, Sexto Empírico, trata-se do estado de repouso mental pelo qual nada afirmamos e nada negamos, explorando o quanto não sabemos para melhor atingirmos a imperturbabilidade. A epoché seria a maneira de olharmos o enigma e o mistério sem resolvê-los – ao contrário, protegendo-os. Disponível em: <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/epoche.htm>.

“... é necessário que o pesquisador procure colocar” entre parênteses”, ou fora de ação, os conhecimentos adquiridos anteriormente sobre a experiência que está investigando.”

- ✓ **A redução fenomenológica:** ocorre quando o pesquisador debruça-se sobre as descrições e volta sua atenção para selecionar as partes essenciais dos textos, eliminando o que julga supérfluo ou desnecessário. *Reduz o texto com o que considera essencial, característico, básico* (BICUDO e ESPÓSITO, p. 21, 1994). Aqui é produzido um novo texto, ou melhor, um texto compacto, enxuto, que permanece fiel ao conteúdo do texto original, porém com o que é relevante, significativo para compreensão do fenômeno.
- ✓ **A compreensão fenomenológica:** De posse do texto com as significações selecionadas, o pesquisador reflete sobre o discurso produzido e produz outro discurso, agora utilizando a linguagem escolhida pelo pesquisador. Esta linguagem pode estar no campo da Filosofia, Psicologia, Educação, Psicopedagogia ou outras.

Para dar continuidade ao trajeto, estes momentos da pesquisa fenomenológica precisam ser respeitados, lembrando sempre de focar o objetivo da pesquisa aqui proposta, que é *captar através das descrições das experiências vividas, a essência do fenômeno buscado* (BICUDO e ESPÓSITO, p. 37, 1994).

Para esclarecer melhor esta afirmação é importante entender que ao viver o fenômeno, muitas vezes ficamos presos ao empírico e a visão se restringe, colocando a essência do fenômeno numa nebulosidade.

A compreensão fenomenológica está centrada na exigência da transcendência desta nebulosidade, ao investigar o vivido, através da visão e do sentir do outro. É a busca da essência do fenômeno, ou seja, o que surge e se manifesta para a consciência. Aqui está o ato de compreender e não explicar, pois neste modo de fazer pesquisa, o que interessa é a descrição do fenômeno e sua compreensão, sem preocupação com relações causais. O que é refletido e construído a partir do que foi

compreendido abre sempre possibilidades de novas construções: reflexão sobre a reflexão.

Nesta trajetória, o objetivo é buscar a estrutura do fenômeno nos dados coletados, considerando o mundo real vivido pelos sujeitos. Nestas vivências descritas e compreendidas é que está situado o fenômeno. Isso quer dizer, que o fenômeno não se mostra sem o sujeito que nele está situado, ou seja, há um contexto de interdependência existencial.

“Deve-se atentar que esta situação está no *mundo da experiência*, o “mundo vivido” que só se constituirá a partir de um sujeito que o vivencie. Ele, o sujeito que experiência, é nosso alvo pois só se pode olhar as “coisas mesmas” a partir do momento em que elas se manifestam para o sujeito que as interroga. Neste movimento da *consciência*, que é intencional ou seja, a consciência movendo-se para o fenômeno, este é interrogado pelo sujeito através dos sentidos e se mostra para este sujeito, com uma aparência que é uma primeira abordagem para a compreensão da essência.” (BICUDO e ESPÓSITO, p.25, 1994)

Diante do que foi destacado, cabe lembrar que esta pesquisa está sendo concretizada dentro dos moldes propostos da Fenomenologia, respeitando os momentos propostos para a construção da trajetória fenomenológica e utilizando o enfoque denominado Fenômeno Situado, por procurar identificar a estrutura fundamental do fenômeno.

A pesquisa feita utilizará depoimentos de sujeitos adolescentes que freqüentam diferentes espaços educacionais e que vivenciaram experiências significativas nestes espaços. O propósito é compreender o que significa para os sujeitos adolescentes pesquisados esses espaços educacionais freqüentados e refletir sobre suas implicações no campo da Educação e da Psicopedagogia, lembrando que estas compreensões e reflexões abrem um leque para outras compreensões e reflexões, pois o fenômeno é perspectival.

2. A Pesquisa

2.1. Informações introdutórias

Os sujeitos pesquisados são adolescentes entre 13 e 15 anos, estudantes de 7ª e 8ª séries (8º e 9º anos) de uma escola pública municipal, unidade integrante de um Centro Educacional Unificado, situado em um bairro da periferia de São Paulo. Participaram desta pesquisa sete adolescentes, quatro meninas e três meninos.

Estes estudantes participam de um projeto intitulado “Alunos Monitores do CEU”, onde o principal objetivo é viabilizar o protagonismo juvenil. Foram selecionados para participar desta pesquisa por fazerem parte de um grupo que se prontificou a representar os demais estudantes.

O grupo se encontra uma vez por semana, mais precisamente às quartas-feiras, das 14h às 16h e já sabiam da proposta da pesquisa. A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano de 2009.

No primeiro momento do encontro conversamos sobre o que seria feito, fazendo a leitura da questão, com esclarecimentos sobre a não obrigatoriedade da participação. Só então foi entregue uma folha contendo um cabeçalho no topo solicitando o preenchimento dos campos nome, idade, série, aluno monitor e data. A questão encontrava-se logo abaixo, com a seguinte redação:

“Procure se lembrar dos espaços educacionais que você frequenta: sala de aula, sala de leitura, sala de informática e outros que são significativos para você. Descreva como você percebe esses espaços, o que pensa sobre eles, como se sente neles, como age quando neles se encontra, enfim, o que significam para você esses espaços”.

No restante da folha, frente e verso, eram linhas a serem utilizadas para a resposta. O tempo que levaram para responder a questão e entregá-la foi de aproximadamente quarenta minutos.

Apesar de nos encontrarmos formalmente toda semana, o grupo de adolescentes (alunos monitores) e eu, estamos sempre nos encontrando informalmente

nos diversos espaços do Centro Educacional Unificado – CEU. Dessa maneira, solicitar que respondam a uma questão que contempla a vivência nesses espaços era esperado que não causasse tanta estranheza. Uma vez que já sabiam da proposta dessa pesquisa. Porém, não foi bem assim que as coisas aconteceram. Alguns desses sujeitos, ao se depararem com a questão, esboçaram através de gestos e palavras suas dificuldades para escrever o que pensam, sentem e como agem nos espaços educacionais que transitam.

Quando receberam a folha e as orientações, pareciam surpreenderem-se com o fato de alguém querer saber de verdade, algo que pensam e sentem. As expressões nos rostos revelavam alternadamente alegria, espanto, medo, desejo...Conflitos. Os movimentos dos corpos eram paralisantes e agitados. No início ficaram parados, me olhando e fizeram alguns comentários e perguntas: “Não sou boa em expressar meus sentimentos”, “Sou sincera”; “Preciso pensar”; “É pra usar todas as linhas?”; “Fico nervosa quando tenho que escrever”; “Tem que falar de todos os lugares?”; “Posso escolher um lugar só?”. Nesse momento é visível o nervosismo e a insegurança para escrever algo de autoria própria.

O silêncio e a tranquilidade pairaram no ar durante alguns momentos. Mas, eram interrompidos ora ou outra por suspiros, respiração e movimentos que falavam de inquietude, de sentimentos e pensamentos ainda encobertos, preparando-se para nascer.

A devolução da questão respondida foi marcada por expressões de alívio e insegurança, como se algo tivesse ficado incompleto. Tais expressões foram notadas em sorrisos, suspiros, gestos e falas do tipo: “Acho que consegui escrever alguma coisa”; “Não sei se era isso”; “Pronto, consegui!”

Pareciam ter se deparado com algo inicialmente pensado para livrar-se rapidamente (alívio) e quando envolvidos foram surpreendidos pelo desejo de continuar, mas algumas dificuldades ou inseguranças surgiram no caminho (incompleto).

A leitura dos discursos me trouxe a sensação de estar vivenciando momentos mágicos, onde o que poderia ser simples e até previsível tornara-se complexo e imprevisível. Como isso pode acontecer?

O previsível aconteceu no primeiro contato, digo numa leitura superficial e rápida dos textos produzidos e entregues. Textos que pareciam dizer apenas aquilo que observamos no olhar e no contato apressado do dia-a-dia: os erros ortográficos e gramaticais, a pontuação precária, a estrutura desarticulada do texto, entre outras tantas características que nos aprisionam e nos cegam.

Mas, ao fazer uma leitura mais atenta, o que parecia simples e previsível passa a revelar algo complexo e imprevisível. Com um olhar sensível e compreensivo, a leitura revela outros significados. Um significado contido num olhar livre da pressa, da superficialidade da correria que nos aflige cotidianamente, que nos priva da riqueza percebida no parar, sentir e pensar. E foi com esse olhar livre que me permiti agir e prosseguir num caminho de liberdade.

Um caminho que permitiu envolvimento, ou seja, significar aquilo que é vivenciado e que revelou em seu percurso a complexidade e a intencionalidade dessa vivência. O percurso percorrido com envolvimento necessário trouxe à tona significados importantes para a compreensão das inquietações vividas pela pesquisadora.

A seguir serão apresentados os depoimentos recolhidos e transcritos na íntegra, bem como a compreensão dos mesmos, colocando em evidência os enfoques léxicos e sintáticos dos textos.

Devo esclarecer, que foi feita uma leitura de todos os depoimentos de forma a obter uma visão geral e só depois, numa segunda leitura, foram realizadas as análises léxicas e sintáticas, para melhor compreensão dos textos.

2.2. Discursos dos sujeitos adolescentes

Discurso do sujeito 1: A

“Eu percebo que o lugar é significativo para mim quando me sinto bem nele quando quero passar mais tempo lá como na Biblioteca me sinto bem completa por estar com os livros, fico tranquila e realizada por estar lá, penso que na biblioteca é lugar de

relachar, ler, esporecer e si organizar, tanto mentalmente como espiritualmente adoro o tempo que passo la”.

Discurso do sujeito 2: B

“Todos eles são significativos, pois é eles que me preparam para uma vida melhor da que á alguns anos.

O mais significativo é o momento que me expresso como aluna monitora, porque coloco em prática as minhas idéias. Nesse momento me sinto muito bem, pois tento fazer dessa escola um lugar mais interessante para todos.

Já a sala de aula é onde me sinto menos a vontade, porque não são todos os professores que conseguem ensinar com clareza.

A sala de leitura e informática não significa nada pra mim, pois freqüentei elas muito pouco e não tenho nada a dizer sobre elas, mais elas podem ser significativas quando eu aprender algo nelas. “

Discurso do sujeito 3: C

“Os espaços educacionais que eu enfrequento são normalmente biblioteca, sala de aula, informática e outros.

Procuru no máximo possível ter um bom comportamento nestes lugares, não falando palavrões, não correndo e nem comendo nestes espaços.

Adoro Ler por isso sempre que tenho tempo fico enfiada em uma biblioteca ou até mesmo em casa rodiada de livros.

Falar destes espaços para mim é satisfatório pois ele não traz só a mim mas também a todos que se enteressam muito conhecimento.”

Discurso do sujeito 4: D

“sala de aula: eu penso que é um espaço de educação de deveria ser mais elaborado para que fosse mais interessante aprende e deveria haver mais disciplina. Eu particularmente me cinto ne um lugar qualquer com poucas diferenças, eu simplesmente faço minha lição depois se tenho algo para fazer fasso se não tenho fico queto na minha, enfim esse lugar é a onde estão meus colegas e onde eu mais aprendo.”

Discurso do sujeito 5: E

“Sala de Leitura: quando eu estou na sala de leitura, eu me sinto bem melhor do que na sala de aula. Porquê quando eu estou na sala de leitura eu fico mais quieto me comporto mais e presto atenção no que o professor está falando e, também entendo mais as coisas. Explicadas pelo professor. E quando eu entro na sala de leitura eu penso que é uma biblioteca porque tem muitos livros e alguns até da vontade de ler.”

Discurso do sujeito 6: F

“Geralmente uso a sala de informática para pesquisar (quando necessário) os trabalhos da escola. Respeito o espaço e fico abismada com o que fazem naquela sala (ex. tiram as bolinhas do mouse e jogam futebol), acho que os alunos responsáveis pelo ocorrido deveriam ser punidos (ficando depois da aula entre outras).

Discurso do sujeito 7: G

“Sala de leitura, ela passou por algumas reformas, ela tem muitos livros bons, o professor é bem legal, neste lugar fico bem livre para ler meus livros, pesquisar para trabalhos e etc...”

Sala de informática, a professora mudou mais ela é muito legal, neste espaço mi sinto livre para fazer o que é liberado, só me encomodo com os problemas dos computadores.

A sala de aula é um desastre, tem gritaria pra todo lado, mas não tenho muito que reclamar dos professores, na sala de aula me sinto libertado, para falar o que quiser, perguntar e outras coisas.

A sala de artes, é outra, todo mundo grita, de respeito a professora e outras coisas. Mas mesmo assim é legal este local.”

2.3. Compreensão dos discursos

2.3.1. Enfoque léxico

Realizada uma consulta a dicionários de língua portuguesa¹² a fim de buscar esclarecimentos sobre possível significado atribuído por nossos sujeitos a certos vocábulos e/ou expressões. Registrei apenas as significações mais compatíveis com o significado apreendido a partir da totalidade do discurso do sujeito.

- ✓ **“me sinto bem completa” “mentalmente e espiritualmente” (A)** – estado emocional e físico em plenitude.
- ✓ **“preparar para a vida” (B)** - estar em condições adequadas para enfrentar algo posterior a escola.
- ✓ **“me expresso” (B); “fico bem livre” , “fazer o que é liberado”, “me sinto libertado para falar o que quiser” (G)** – em todas as expressões o sentido é de sentir-se livre para manifestar-se por meio do pensamento, palavra ou gesto.
- ✓ **“aprender algo” (B); “mais aprendo” (D); “entendo mais” (E)** – adquirir conhecimento.

¹² Antonio HOUAISS e Mauro Salles VILLAR. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.

- ✓ “ter um bom comportamento” (C); “mais disciplina” (D); “me comporto” (E) – obediência as regras.
- ✓ “um lugar qualquer” (D) –indiscriminado; lugar comum.
- ✓ “é um desastre” (G) – acontecimento que causa prejuízo.

2.3.2. Enfoque sintático

Os adolescentes conseguem descrever os significados que atribuem aos diferentes espaços educacionais que percebem como significativos segundo suas experiências. Procuram responder ao que foi solicitado. Porém, os relatos, na sua maioria, trazem alguns problemas de segmentação e erros ortográficos grosseiros que dificultam a compreensão do texto. Mesmo com domínio do código da escrita, apresentam deficiências lingüísticas para expressar orações relacionadas, ou seja, com sentido.

Alguns trechos suscitam dúvidas ou revelam ambigüidades sobre o que queriam dizer realmente dificultando um real entendimento das expressões utilizadas na construção dos relatos. Como por exemplo, a expressão utilizada por:

A - “...penso que na biblioteca é lugar de relachar, ler, esparecer e si organizar, tanto mentalmente como espiritualmente...” .

Não se pode compreender com clareza se a organização mental e espiritual a qual se refere está relacionada com o físico e o psíquico ou outro entendimento possível, relativo ao senso comum ou a realidade do sujeito pesquisado.

Apresenta também deficiência no que diz respeito à coesão e coerência, ou seja, as frases não possuem uma ligação compreensível de idéias, muitas vezes não possuem nexos, conexão que ofereça sentido claro, como podemos verificar nos trechos do discurso abaixo:

C - “...Falar destes espaços para mim é satisfatório pois ele não traz só a mim mas também a todos que se interessam muito conhecimento.”

O texto não esclarece de forma coesa e coerente quais os espaços que estão sendo citados como satisfatórios e deixa dúvidas de entendimento sobre se estão trazendo algo ou alguém para esses espaços.

Outros casos como este são comuns na maioria dos discursos. São frases soltas e desconexas, como no exemplo abaixo:

G: “Sala de leitura, ela passou por algumas reformas, ela tem muitos livros bons, o professor é bem legal...Sala de informática, a professora mudou mais ela é muito legal...A sala de aula é um desastre, tem gritaria pra todo lado, mas não tenho muito que reclamar dos professores...”

No geral, os textos necessitaram de várias leituras para possibilitar uma análise do conjunto e encontrar um sentido para o todo. Tal procedimento será explicitado a seguir.

2.3.3. Enfoque Fenomenológico

As descrições que vem a seguir foram feitas com base nas várias leituras realizadas, considerando os enfoques léxicos e sintáticos para melhor entendimento do sentido do texto, ou seja, apreender um sentido global.

Seguindo o modo fenomenológico de fazer pesquisa, a atenção foi voltada para descrição dos depoimentos, sem preocupação em explicá-los ou buscar relações causais. A preocupação consistiu em fazer uma descrição rigorosa e atenta dos depoimentos coletados.

Os depoimentos foram identificados por letras do alfabeto, obedecendo a seqüência do mesmo. Cada depoimento foi transcrito na linguagem do sujeito pesquisado, lido e dividido em unidades numeradas, ou melhor, unidades possíveis de serem trabalhadas de modo a facilitar o próximo passo da pesquisa. O próximo passo foi a transcrição destas unidades para uma linguagem do pesquisador, levando em consideração as unidades numeradas que tinham o mesmo sentido, repetidas e

deslocadas no corpo do texto. Os números destas unidades foram agrupados ao lado de cada significado de acordo com o sentido encontrado e transcrito na linguagem do pesquisador, constituindo um novo texto, mais sucinto e compreensível para chegar ao fenômeno.

Em seguida, essas unidades identificadas e percebidas dentro das descrições dos sujeitos deram origem a algumas categorias. Para finalizar foi feita uma síntese do que foi revelado, ou seja, os significados atribuídos por cada sujeito a diferentes espaços educacionais que foram encontrados na pesquisa.

Para entender o que foi feito acima, podemos recorrer a Amatuzzi¹³, quando cita os passos sugeridos por Forghieri e Amedeo Giorgi para operacionalizar a pesquisa fenomenológica e que já foram citados no capítulo anterior.

As unidades significativas citadas são divisões feitas no texto para facilitar o entendimento do texto e possibilitar a transcrição para a linguagem escolhida pelo pesquisador, seguindo o rigor exigido na descrição do fenômeno. As categorias são agrupamentos destas unidades de significado que expressam o que está contido nelas para facilitar uma síntese e chegar a estrutura do fenômeno.

A linguagem que foi adotada na transcrição dos depoimentos para a linguagem da pesquisadora está baseada na sua formação em Educação e base teórica atual: a Psicopedagogia.

Estes passos operacionalizados foram organizados em quadros para melhor visualização e compreensão do leitor.

2.3.4. Quadros Sinópticos

¹³ Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, p.7.

SUJEITO A		
Discurso na linguagem do sujeito	Discurso na linguagem do pesquisador	Categorias
1.“Eu percebo que o lugar é significativo para mim quando me sinto bem nele 2.quando quero pasar mais tempo la 3.como na Biblioteca 4.me sinto bem completa por estar com os livros, 5. fico tranquila 6.e realizada por estar la, 7.penso que na biblioteca é lugar de relachar, 8. ler, 9.esparecer 10.e si organizar, tamto mentalmente como espiritualmente 11. adoro o tempo que passo la”.	Para A. um lugar é significativo quando nele se sente bem (1) e quer lá permanecer (2, 11). A biblioteca é um espaço educacional especialmente significativo (3) porque com os livros se sente completa (4); tranqüila (5) e realizada (6). Pensa a biblioteca como um lugar de relaxar (7), descontraír-se (9), reorganizar-se (10) e ler (8).	Espaços educacionais significativos referidos: Biblioteca (3) ➤ <u>Especialmente significativo</u>: Biblioteca (3) Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente significativo</u>: Lugar de relaxamento (7);Descontração (9);Reorganização pessoal (10);De leitura (8) Sentimentos/emoções vivenciados nos espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente significativo</u>: Bem estar (1);Compleitude (4);Tranquilidade (5);Realização (6); Desejo de permanência (2);Prazer na permanência (11)

SÍNTESE A - Espaço educacional significativo é aquele onde o sujeito se sente bem, por lhe proporcionar bem estar físico e emocional, querendo o sujeito nele permanecer.

Discurso na linguagem do sujeito	Discurso na linguagem do pesquisador	Categorias
1“Todos eles são significativos, 2. pois é eles que me preparam para uma vida melhor da que á alguns anos. 3.O mais significativo é o momento que me expresso como aluna monitora, 4. porque coloco em prática as minhas idéias. 5. Nesse momento me sinto muito bem, 6. pois tento fazer dessa escola um lugar mais interessante para todos. 7.Já a sala de aula é onde me sinto menos a vontade, 8. porque não são todos os professores que conseguem ensinar com clareza. 9.A sala de leitura e informática não significa nada pra mim, 10. pois freqüentei elas muito pouco e não tenho nada a dizer sobre elas, 11. mais elas podem ser significativas quando eu aprender algo nelas. “	Para B. todos os espaços educacionais são significativos (1) por se constituírem como espaços preparatórios para o futuro (2). A atividade de monitoria realizada no Projeto “Alunos monitores do CEU” é considerada a mais significativa por possibilitar expressar-se (3), por em prática suas idéias (4) e transformar a escola (6). Quando isso acontece, sente-se bem (5). Considera a sala de aula o espaço educacional menos significativo (7), por não compreender o que é comunicado por alguns professores ao ensinar (8). Considera ainda que há espaços educacionais sobre os quais nada tem a dizer por tê-los pouco freqüentado, tais como a sala de leitura e de informática (9, 10), porém acredita que esses espaços poderão se tornar significativos se neles, no futuro, ocorrer alguma aprendizagem (11)	Espaços educacionais significativos referidos: Todos - preparatórios para o futuro - (1,2); Atividade de monitoria (3); sala de leitura e de informática (9,10,11). ➤ <u>Especialmente significativo:</u> Atividade de monitoria (3). ➤ <u>Potencialmente significativos:</u> todos (1); sala de leitura e informática (9,10,11) ➤ <u>Menos Significativo:</u> sala de aula (7) Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente significativo:</u> liberdade de expressão (3), por idéias em prática (4) e transformar a escola (6). ➤ <u>Potencialmente significativos:</u> preparatórios para o futuro (2); aprendizagem (11). ➤ <u>Menos Significativo:</u> Ambiente com problemas de comunicação (8). Sentimentos/emoções vivenciados nos espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente Significativo:</u> bem estar (5). ➤ <u>Menos Significativo:</u> mal-estar, incompreensão (8).

SÍNTESE B - Espaços educacionais significativos são aqueles que, em tese, preparam o estudante para o futuro e, concretamente, oferecem oportunidade para o aluno pensar, participar, transformar a escola e, em última análise, aprender.

SUJEITO C

Discurso na linguagem do sujeito	Discurso na linguagem do pesquisador	Categorias
1. “Os espaços educacionais que eu enfrequento são normalmente biblioteca, sala de aula, informática e outros. 2. Procuro no máximo possível ter um bom comportamento nestes lugares, não falando palavrões, não correndo e nem comendo nestes espaços. 3. Adoro Ler 4. e por isso sempre que tenho tempo fico enfiada em uma biblioteca ou até mesmo em casa rodada de livros. 5. Falar destes espaços para mim é satisfatório pois ele não traz só a mim mas também a todos que se interessam muito conhecimento.”	C. frequenta biblioteca, sala de aula, sala de informática e outros espaços educacionais (não especificados) (1); Para C, espaços educacionais são, antes de tudo, lugares onde se deve agir bem (onde as regras estabelecidas devem ser respeitadas) (2); julga esses lugares valiosos por serem veiculadores de conhecimentos, quer para si e quer para as pessoas em geral (5). C diz gostar muito de ler (3), razão pela qual considera significativo o espaço onde tem livros e onde pode permanecer quando tem tempo livre, quer seja na biblioteca ou em casa (4).	Espaços educacionais significativos referidos: biblioteca, sala de informática e outros (1). ➤ <u>Especialmente significativos:</u> Biblioteca ou em casa (4). ➤ <u>Potencialmente significativos:</u> Biblioteca, sala de informática e outros (1). Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente Significativo:</u> De leitura, permanência e acesso ao conhecimento individual e coletivo (3, 4, 5). ➤ <u>Potencialmente significativos:</u> Lugares onde se deve agir bem, respeitar as regras (2); valiosos e veiculadores de conhecimento individual e coletivo (5). Sentimentos/emoções vivenciados nos espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente Significativo:</u> Bem-estar, permanência (4). ➤ <u>Potencialmente significativos:</u> Respeito (2);

SÍNTESE C: Para C, espaço educacional significativo é aquele que forma, informa e disponibiliza livros e oportunidades de leitura aos estudantes. Lugar de acesso ao conhecimento e de veiculação de conhecimento.

Discurso na linguagem do sujeito	Discurso na linguagem do pesquisador	Categorias
1. “sala de aula: eu penso que é um espaço de educação...” 2.deveria ser mais elaborado para que fosse mais interessante aprende 3. e deveria haver mais disciplina. 4. Eu particularmenteme cinto ne um lugar qualquer com poucas diferenças,.. 5. ...eu simplesmente faço minha lição depois se tenho algo para fazer fasso se não tenho fico queto na minha... 6. ...enfim esse lugar aonde estão meus colegas... 7. ...e onde eu mais aprendo.”	D. refere-se à sala de aula de uma maneira generalizada em relação a ser um espaço educacional, ou seja, onde deve ocorrer os processos de formação do educando, a educação em geral (1, 4), mas que necessita de mudanças para aumentar o interesse pela aprendizagem (2). Inclui nessas mudanças a necessidade de maior rigor com as questões disciplinares (3); sente-se na sala de aula como estando num espaço comum (1, 4), sendo assim, cumpre as tarefas próprias do lugar (5); porém, destaca que a sala de aula é um lugar que possibilita o encontro com colegas (6) e também o aprimoramento dos seus conhecimentos (7).	Espaços educacionais significativos referidos: Sala de aula (1,4) ➤ <u>Especialmente significativo:</u> Sala de aula (6) ➤ <u>Potencialmente significativo:</u> Sala de aula (1,4) ➤ <u>Menos significativo:</u> Sala de aula (2,4,5) Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente Significativo:</u> Lugar de encontro (6);; ➤ <u>Potencialmente significativo:</u> Ambiente de formação /educação (1); Aprendizagem (7) ➤ <u>Menos significativo:</u> Necessita de mudanças (2); maior rigor disciplinar (3); cumprimento de tarefas (5); Sentimentos / emoções vivenciados no espaço educacional significativo: ➤ <u>Especialmente significativo:</u> Amizade (6). ➤ <u>Menos significativo:</u> indiferença (4)

SÍNTESE D: Para D, espaço educacional significativo é aquele que oferece a possibilidade de aprimoramento dos conhecimentos, ou seja, aquele que contribui para uma melhor formação do educando, ao favorecer que se dê a educação esperada, cumprindo seu papel na educação, em um ambiente coletivo, de encontro e amizade.

Discurso na linguagem do sujeito	Discurso na linguagem do pesquisador	Categorias
1. “Sala de Leitura: quando eu estou na sala de leitura, 2. ...eu me sinto bem melhor ... 3. ...do que na sala de aula. 4. Porquê quando eu estou na sala de leitura eu fico mais quieto... 5. ...me comporto mais 6. e presto atenção no que o professor está falando e, também 7. entendo mais as coisas. Explicadas pelo professor. 8. E quando eu entro na sala de leitura eu penso que é uma biblioteca 9. ...porque tem muitos livros 10. ... e alguns até da vontade de ler.”	SUJEITO E E. considera a sala de leitura como o lugar mais significativo (1) por lhe proporcionar bem estar (2), diferente do que sente na sala de aula (3). A sala de leitura provoca controles comportamentais, fazendo-o se conter (5) e emocionais (2,4), fazendo-o aquietar-se, proporcionando tranquilidade para a aprendizagem (4,6,7). Quando se encontra nesta situação de calma, fica mais atento (6), facilitando sua aprendizagem (7). A sala de leitura aguça sua imaginação, imagina-a como sendo uma biblioteca, ou seja, um lugar com mais motivação para aprender (1, 8) onde há maior diversidade de livros (9), mobilizando todos para leitura, ou seja, impulsionando para o conhecimento e a aprendizagem (10).	Espaços educacionais significativos referidos: Sala de leitura (1); sala de aula (3); biblioteca (8) ➤ Especialmente significativo: sala de leitura (1,2,7,8,10); ➤ Potencialmente significativo: sala de leitura (1,8, 10) ➤ Menos Significativo: sala de aula (3) Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos: ➤ Especialmente significativo: Ambiente de Leitura, que aguça sua imaginação e facilita sua aprendizagem (7, 8,9,10); ➤ Potencialmente significativo: Mobilizador do conhecimento e da aprendizagem (9, 10); ➤ Menos significativo: Ambiente contrário ao bem-estar e a compreensão (2,3,4,5,6,7). Sentimentos / emoções vivenciados no espaço educacional significativo: ➤ Especialmente significativo: Bem estar (2); Quietude (4); Contenção (5); Motivação (8). ➤ Potencialmente significativo: Impulso para conhecer e aprender (10) ➤ Menos significativo: Mal-estar (3)

Síntese E: Para E, espaço educacional significativo é aquele que proporciona bem estar e tranquilidade, aguçando a imaginação e mobilizando o conhecimento e a aprendizagem.

Discurso na linguagem do sujeito	Discurso na linguagem do pesquisador	Categorias
1. “Geralmente uso a sala de informática 2. para pesquisar (quando necessário) os trabalhos da escola. 3. Respeito o espaço ... 4. ...e fico abismada com o que fazem naquela sala 5. ...(ex. tiram as bolinhas do mouse e jogam futebol),... 6. ...acho que os alunos responsáveis pelo ocorrido deveriam ser punidos (ficando depois da aula entre outras).	F. elege a sala de informática (1) como sendo um espaço significativo (2, 3). Justifica sua escolha pela utilidade que o espaço apresenta, possibilitador de pesquisa e realização de trabalhos escolares (2). Na sua concepção, o local é digno de respeito (3) e fica indignada com posturas diferentes da sua (4), identificando atitudes transgressoras nesse ambiente (5,6);	Espaços educacionais significativos referidos: Sala de informática (1) ➤ <u>Potencialmente significativo:</u> Sala de informática (2,3) Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Potencialmente significativo:</u> possibilitador de pesquisa e realização de trabalhos escolares (2); local de transgressão (5,6). Sentimentos / emoções vivenciados no espaço educacional significativo: ➤ <u>Potencialmente significativo:</u> Respeito (3); indignação (4).

Síntese F: Para F, espaço educacional significativo é aquele que possibilita o acesso a conteúdos que favoreçam a aprendizagem, atrelado às regras disciplinares.

Discurso na linguagem do sujeito	Discurso na linguagem do pesquisador	Categorias
1. “Sala de leitura, ... 2. ...ela passou por algumas reformas, 3. ela tem muitos livros bons, o professor é bem legal, 4. neste lugar fico bem livre para ler meus livros, pesquisar para trabalhos e etc... 5. Sala de informática, a professora mudou mais ela é muito legal, 6. neste espaço mi sinto livre para fazer o que é liberado, só me encomodo com os problemas dos computadores. 7. A sala de aula é um desastre, tem gritaria pra todo lado, 8. mas não tenho muito que reclamar dos professores, 9. na sala de aula me sinto libertado, para falar o que quiser, perguntar e outras coisas. 10. A sala de artes, é outra, todo mundo grita, de respeito a professora e outras coisas. 11. Mas mesmo assim é legal este local.”	G. destaca alguns espaços educacionais para descrever suas vivências, são eles, a sala de leitura, sala de informática, sala de aula e sala de artes. (1,5,7,10) Aponta para as mudanças positivas que ocorreram nas salas de leitura e informática (reforma e mudança de professora) (4,5). Pensa que é importante um ambiente motivador, com livros, computadores e professor acessível (3,5, 6). Aponta a sala de aula e a sala de artes como sendo espaços em desordem, onde há desrespeito e descumprimento das regras (7,10); mesmo diante de todas adversidades (6,7,10), consegue se sentir livre para a aprendizagem (4,6,9,11) valorizando a importância da figura do professor ao estabelecer um bom relacionamento com os educandos (acessibilidade) (3,5,8,10).	Espaços educacionais significativos referidos: Sala de leitura, sala de informática, sala de aula e sala de artes. (1,5,7,10) ➤ <u>Especialmente significativos:</u> sala de leitura (1, 2, 3,4); ➤ <u>Potencialmente significativo:</u> sala de informática (5,6); ➤ <u>Menos significativos:</u> sala de aula (7); sala de arte (10). Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos: ➤ <u>Especialmente significativo:</u> ambiente onde consegue se sentir livre para aprendizagem (4,6,9,11). ➤ <u>Potencialmente significativo:</u> Ambiente motivador, de acessibilidade, bom relacionamento e liberdade (3,4,5,6,8,9). ➤ <u>Menos Significativo:</u> ambiente em desordem, onde há desrespeito e descumprimento das regras (7,10). Sentimentos / emoções vivenciados nos espaços educacionais significativos: ➤ <u>Especialmente significativo:</u> Liberdade (4,6,9)

Síntese G: Para G, espaço educacional significativo é aquele onde o estudante pode expressar-se e agir livremente.

3. INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS – 1º NÍVEL

3.1. Convergências

Neste momento da pesquisa foi feita uma comparação dos discursos dos sujeitos, considerando as categorias encontradas. Lembrando que as categorias encontradas deram origem a outras categorias, aqui denominadas “sub-categorias”, por pertencerem a determinadas categorias e que foram necessárias para melhor compreensão do discurso.

É aqui que foram encontradas as *convergências das unidades de significado*. Estas convergências são o que existe em comum nos discursos. AmatuZZi¹⁴ recorre a alguns autores, entre eles, Forghieri, que sugere passos que costuma utilizar em suas pesquisas. Um desses passos se encaixa neste momento da pesquisa. Trata-se de fazer a comparação dos discursos e encontrar **invariantes**, é o que existe de comum. E também, **variantes**, o que existe próprio a cada um. A autora diz que através disto é possível se chegar à **estrutura do vivido**.

Para melhor estruturação e visualização desta etapa da pesquisa, foi feito mais um quadro sinóptico, para mostrar as categorias encontradas anteriormente, as “sub-categorias” e as convergências, considerando invariantes e variantes. Para identificar invariantes e variantes, as letras correspondentes dos sujeitos pesquisados foram colocadas ao lado, entre parênteses.

3.2. Quadro sinóptico

¹⁴. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, p. 7 – 9.

Categorias	Convergências					
Espaços educacionais significativos referidos	Todos (A, B,); biblioteca (A,C,E), sala de aula (B,C,D,E,G), sala de informática (B,C, F,G); sala de leitura (B,E,G); Atividade de monitoria (B); Casa (C);					
Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos	Especialmente significativos	Biblioteca (A,C); Atividade de monitoria (B); Casa (C); Sala de aula (D); sala de leitura (E,G).	Potencialmente significativos	Todos (B,E); Sala de leitura (B,E); Sala de informática (B,C,F,G); Biblioteca (C);outros (C); sala de aula (D);	Menos significativos	Sala de aula (B, D, E,G); sala de arte (G).
		Lugar de leitura (A,B,E); De relaxamento; De descontração (A); De reorganização pessoal (A); Liberdade de expressão (B); Por idéias em prática (B); Transformar a escola (B); De permanência (C); De acesso ao conhecimento individual e coletivo (C); Lugar de encontro (D); Aguça imaginação (E); Facilita a aprendizagem (D); Ambiente onde consegue se sentir livre para aprendizagem (G).		Preparatórios para o futuro (B); Aprendizagem (B, D); Lugares onde se deve agir bem, respeitar as regras (C); Lugares valiosos e veiculadores de conhecimento individual e coletivo (C); Ambiente de formação / educação (D); Possibilitador de pesquisa e realização de trabalhos (F); Ambiente motivador, de acessibilidade, bom relacionamento e de liberdade (G).		Ambiente com problemas de comunicação (B); Necessita de mudanças (D); Maior rigor disciplinar (D); Cumprimento de tarefas (D); Ambiente contrário ao bem-estar (E); Ambiente em desordem, onde há desrespeito às regras (G).
Sentimentos /emoções vivenciados nos espaços educacionais significativos		Bem-estar (A,B,C,E); Completude (A); Tranquilidade (A); Realização (A); Desejo de permanência (A,C); Prazer na permanência (A, C); Amizade (D); Quietude (E); Contenção (E); Motivação (E); Liberdade (G).		Respeito (C,F); Impulso para conhecer e aprender (E); Indignação (F);		Mal-estar (B,E); Incompreensão (B); Indiferença (D);

3.3. Considerações

Além do quadro sinóptico, também foram explicitadas e exemplificadas detalhadamente as categorias e “sub-categorias” elencadas, para melhor entendimento e esclarecimento das convergências encontradas.

Espaços educacionais significativos referidos

Em algumas passagens dos discursos dos sujeitos pesquisados, os espaços educacionais lembrados pareciam estar apenas citados como referência para responder a questão, sem revelar de uma forma direta o significado atribuído. Causando dúvidas em relação a estes espaços, serem ou não significativos.

Porém, após nova reflexão, analisando o conjunto dos discursos, compreendi que por terem sido lembrados, já remete a pensar que foram, são ou poderão vir a ser significativos, conforme se mostram nos discursos dos sujeitos.

Exemplos:

“Falar destes espaços para mim é satisfatório...” (C)

“A sala de leitura e informática não significa nada pra mim... mais elas podem ser significativas quando eu aprender algo nelas”.(B)

“A sala de artes, é outra, todo mundo grita, de respeita a professora e outras coisas. Mas mesmo assim é legal este local”.(G)

Todos (A, B,); biblioteca (A,C,E), sala de aula (B,C,D,E,G), sala de informática (B,C, F,G); sala de leitura (B,E,G); Atividade de monitoria (B); Casa (C)

➤ **Espaços educacionais “Especialmente significativos” referidos**

Em outros momentos dos discursos dos sujeitos, os mesmos espaços educacionais significativos referidos lembrados, foram identificados como sendo mais significativos, gerando assim uma outra categoria, ou seja, uma “sub-categoria” por pertencer à categoria acima.

Os espaços educacionais mais significativos se revezaram nos discursos como sendo especialmente e potencialmente significativos, por se mostrarem como os melhores, especiais, ou que possibilitam algo em potencial.

Os identificados como sendo especialmente significativos, foram assim reconhecidos por serem citados ou destacados logo no início do discurso ou ainda por ganharem destaque em várias passagens do texto.

Exemplos:

“O mais significativo é o momento que me expresso como aluna monitora...” (B);

“sala de aula... este lugar aonde estão meus colegas e onde eu mais aprendo”.(D);

“Eu percebo que o lugar é significativo para mim quando me sinto bem nele quando quero passar mais tempo la como na Biblioteca “....fico tranquila e realizada por estar la, penso que na Biblioteca é lugar de relachar...” (A)

“Os espaços educacionais que eu frequento são normalmente biblioteca...Adoro ler...fico enfiada em uma biblioteca...” (C)

“Sala de leitura: quando eu estou na sala de leitura, eu me sinto bem melhor...quando eu estou na sala de leitura eu fico mais quieto...quando eu entro na sala de leitura eu penso que é uma biblioteca...” (E).

Biblioteca (A,C); Atividade de monitoria (B); Casa (C); Sala de aula (D); sala de leitura (E,G).

➤ **Espaços educacionais “Potencialmente significativos” referidos**

Por espaços educacionais potencialmente significativos foi entendido que são aqueles que oferecem ou possibilitam algo em potencial, ou melhor, são espaços promitentes e que merecem destaque pelo que representam.

Assim como os espaços educacionais especialmente significativos se revelam nos depoimentos de forma destacada, os potencialmente significativos também aparecem, só que de uma maneira mais preocupada em assumir um caráter formal, em outras palavras, aparecem como espaços que devem cumprir algo previamente estipulado, com obrigações próprias do lugar.

Exemplos:

“pois é eles que me preparam para uma vida melhor da que á alguns anos.” (B)

“Procuro no máximo possível ter um bom comportamento nestes lugares, não falando palavrões, não correndo e nem comendo nestes espaços...” (C)

“...eu penso que é um lugar de educação...” (D).

Todos (B,E); Sala de leitura (B,E); Sala de informática (B,C,F,G); Biblioteca (C);outros (C); sala de aula (D);

➤ **Espaços educacionais “Menos significativos” referidos**

Nos discursos também foram revelados espaços educacionais menos significativos, sendo assim identificados por não assumirem, na maioria dos discursos, destaque ou dimensões tão consideráveis quanto os espaços educacionais considerados especiais ou potenciais.

Exemplos:

“Já a sala de aula é onde me sinto menos a vontade” (B)

“...cinto ne um lugar qualquer...” (D)

“... eu me sinto bem melhor do que na sala de aula” (E)

Sala de aula (B, D, E,G); sala de arte (G)

Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais significativos referidos

Os sujeitos adolescentes expressam em seus depoimentos o que pensam sobre os espaços, ou seja, quais as impressões que os espaços citados deixaram ou deixam nestes sujeitos, as idéias que formulam sobre o que esses espaços representam. Tais idéias são reveladas em algumas passagens dos seus discursos, mostrando também que tais espaços se revelam como sendo especialmente significativos, potencialmente significativos ou menos significativos.

➤ Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais especialmente significativos

Sobre os espaços especialmente significativos, os pensamentos e impressões manifestadas indicaram que estes espaços são:

1. Lugar de leitura (A,B, E);
2. De relaxamento (A);
3. De descontração (A);
4. De reorganização pessoal (A);
5. De liberdade de expressão (B);
6. De por idéias em prática (B);
7. De transformar a escola (B);
8. De permanência (C);

9. De acesso ao conhecimento individual e coletivo (C);
10. De encontro (D);
11. Ambiente que aguça a imaginação (E);
12. Que facilita a aprendizagem (D);
13. Onde consegue se sentir livre para aprendizagem (G).

➤ **Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais potencialmente significativos**

Os pensamentos e impressões identificados nos discursos sobre os espaços educacionais potencialmente significativos revelaram que estes espaços são, ou se espera que sejam, para os sujeitos, espaços:

1. Preparatórios para o futuro (B);
2. De aprendizagem (B, D);
3. Lugares onde se deve agir bem, respeitar as regras (C);
4. Lugares valiosos e veiculadores de conhecimento individual e coletivo (C);
5. Ambiente de formação / educação (D);
6. Possibilitador de pesquisa e realização de trabalhos (F);
7. Ambiente motivador, de acessibilidade, bom relacionamento e de liberdade (G).

➤ **Pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais menos significativos**

Também foram identificados pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais menos significativos, revelando que tais espaços causam impressão ou são pensados como sendo:

1. Ambiente com problemas de comunicação (B);
2. Que necessita de mudanças (D);
3. De maior rigor disciplinar (D);
4. De cumprimento de tarefas (D);
5. Contrário ao bem-estar (E);
6. Ambiente em desordem, onde há desrespeito às regras (G).

Sentimentos/ emoções vivenciadas nos espaços educacionais significativos referidos

Ao revelarem as impressões e pensamentos sobre os espaços educacionais significativos, os depoimentos também demonstraram os sentimentos que são aflorados nestes espaços, ou melhor, as emoções vivenciadas que servem como pano de fundo para os sentimentos revelados.

Assim como os pensamentos sobre os espaços significativos referidos, os sentimentos também foram sendo identificados como especialmente, potencialmente e menos significativos.

➤ Sentimentos/ emoções vivenciadas nos espaços educacionais especialmente significativos

Os sentimentos identificados nos espaços especialmente significativos são de:

1. Bem-estar (A,B,C, E);
2. Completude (A);
3. Tranquilidade (A);
4. Realização (A);
5. Desejo de permanência (A, C);

- 6. Prazer na permanência (A, C);
- 7. Amizade (D);
- 8. Quietude (E);
- 9. Contenção (E);
- 10. Motivação (E);
- 11. Liberdade (G).

➤ **Sentimentos/ emoções vivenciadas nos espaços educacionais potencialmente significativos**

Os sentimentos identificados nos espaços potencialmente significativos são de:

- 1. Respeito (C, F);
- 2. Impulso para conhecer e aprender (E);
- 3. Indignação (F)

➤ **Sentimentos/ emoções vivenciadas nos espaços educacionais menos significativos**

Os sentimentos identificados nos espaços menos significativos são de:

- 1. Mal-estar (B, E);
- 2. Incompreensão (B);
- 3. Indiferença (D)

Em seguida, virá a interpretação destas convergências, dando origem ao discurso da pesquisadora, considerando a Fenomenologia, a Educação e a Psicopedagogia. Neste mesmo momento pratica a **transcendência**¹⁵, a interpretação e a reflexão do significado do seu próprio discurso.

¹⁵ Maria Aparecida V. BICUDO e Vitória Helena C. ESPÓSITO. Pesquisa Qualitativa em Educação: Um Enfoque Fenomenológico, p. 31.

4. INTERPRETAÇÃO DOS DISCURSOS – 2º NÍVEL

4.1. Síntese dos discursos

Para os sujeitos pesquisados espaço educacional significativo é aquele onde o sujeito se sente bem, por lhe proporcionar bem estar físico e emocional, aguçando a imaginação e mobilizando o conhecimento e a aprendizagem; é um ambiente coletivo, de encontro, amizade, onde o sujeito pode expressar-se e agir livremente; é um lugar onde o sujeito quer nele permanecer. São também aqueles que em tese, preparam o estudante para o futuro e, concretamente, oferecem oportunidade para o aluno pensar, participar, transformar a escola e aprender; que forma, informa e disponibiliza livros e oportunidades de leitura aos estudantes; lugar de acesso, veiculação e aprimoramento de conhecimento; que contribui para uma melhor formação do educando, cumprindo seu papel na educação; que possibilita o acesso a conteúdos que favorecem a aprendizagem, atrelado às regras disciplinares; lugar de respeito. E também pode ser aquele onde se cumprem tarefas; que apresenta problemas de comunicação; ambiente em desordem, onde há desrespeito às regras; que necessita de mudanças e de maior rigor disciplinar; ambiente contrário ao bem-estar. Os diferentes espaços educacionais se revelam na pesquisa como sendo especialmente, potencialmente e menos significativos.

4.2. Abordagem Fenomenológica

Nos discursos dos sujeitos os espaços educacionais lembrados foram identificados ora pelo espaço físico, delimitado e nomeado:

“Eu percebo que o lugar é significativo para mim quando me sinto bem nele... como na Biblioteca”.(A)

Outras vezes pela experiência nele vivida:

“O mais significativo é o momento que me expresso como aluna monitora”.(B)

Ou também, pela experiência que poderia ser nele vivida:

“A sala de leitura e informática não significa nada para mim... mais podem ser significativas quando eu aprender algo nelas”.(B)

Os espaços educacionais significativos lembrados e referidos pelos sujeitos pesquisados permitiram evidenciar a relação íntima que há entre o lugar lembrado e as experiências neles vivida. Esta imbricação explícita nos discursos revela indícios de como o sujeito passa rapidamente de uma descrição objetiva para uma descrição subjetiva, onde sua vivência é historiada.

Para Merleau-Ponty,

O espaço não é o meio (real ou lógico) onde se dispõem as coisas, mas o meio pelo qual a posição das coisas se torna possível. Significa que ao invés de imaginá-lo como uma espécie de éter onde se banham todas as coisas ou de concebê-lo abstratamente como um caráter que lhes seja comum, devemos pensá-lo como uma força universal de suas conexões. Logo, ou eu não reflito, vivo nas coisas e considero

vagamente o espaço ora como o meio das coisas, ora como seu atributo comum, - ou então reflito, recoloco o espaço em sua origem, penso atualmente as relações que estão sob essa palavra e observo então que elas só vivem por um sujeito que as descreve e que as mantém, passo do espaço espacializado ao espaço espacializante. (1971, p.250)

E é com o entendimento do significado do espaço no sentido fenomenológico, que as descrições feitas pelos sujeitos sobre os espaços considerados por eles como significativos, ganham proporções mais esclarecedoras.

Os espaços referidos ganham sentido fenomenológico porque são descritos por um sujeito que os vive, viveu ou pensa em vivê-los. São espaços que transcendem o mensurável, que viajam na subjetividade, sem barreiras geográficas ou temporais.

Neste sentido de espaço é que são reveladas as experiências significativas vividas pelos sujeitos. Estas experiências são compostas por conexões estabelecidas no seu “mundo-vida”, ou melhor, experiências vividas em um determinado contexto, nas relações interpessoais do dia-a-dia do sujeito e que lhes permitem dar visibilidade a este mundo, significando-o, construindo sua história.

Martins¹⁶ apresenta a percepção de espaço segundo Merleau-Ponty, como uma imbricação de espaço e tempo, nascida das relações do ser com as coisas.

O tempo se mostra constituído a partir de relações possíveis (anteriores e posteriores àqueles que o percebe) e o espaço (presente) constitui-se na consciência, contemporânea de todos os tempos. A síntese espacial e a síntese das coisas fundamentam-se nesse desdobramento do tempo, o qual juntamente com outros eixos coordenados entre si, tais como a percepção de profundidade, distância, grandeza e movimento, se apresenta como dimensões que, ao se tornarem convergentes, constituem uma rede estrutural a partir da qual os fenômenos poderão doar-se à consciência do espectador atento. As localizações, ao estabelecerem relações entre si e com outros referenciais, manifestam-se

¹⁶ Maria Aparecida Viggiani BICUDO e Vitória Helena Cunha ESPÓSITO, Joel Martins...um seminário avançado em fenomenologia, p.143.

no mundo infinitamente diferenciadas, formando lugares. O espaço mostra-se portanto, como uma delimitação que estabelece possibilidades de comunicação, de novas relações ou inclusões na área de significação de cada ser individualmente e de diferentes seres humanos, por meio da intersubjetividade, propiciando condições para que transformações e mudanças se façam individual e coletivamente. (1997, p.143)

Considerando esta noção de espaço fenomenológico, Forghieri contribui trazendo a definição de Espacializar:

Espacializar consiste no modo como vivenciamos o espaço em nossa existência. (...) o ser humano, além de se encontrar concretamente num determinado lugar, tem compreensão de seu próprio existir, relativa tanto o local e instante atuais como a outros vividos anteriormente, e também àqueles que deseja ou receia vir a experienciar. O nosso espacializar não se limita ao “estar aqui”, pois inclui o “ter estado lá” e o pode vir a “estar acolá”, reunidos numa compreensão global. Isto significa que o nosso espacializar é passível de tal “expansividade” que ultrapassa os limites de nosso próprio corpo e do ambiente concreto que nos circunda: essa expansividade pode ser mais ampla ou mais restrita, de acordo com a compreensão e o modo como nos sentimos em nosso existir no mundo. (2004, p.44)

Os sujeitos experimentam possibilidades de expansão e transcendência quando descrevem o vivido, ou seja, quando relatam o significado atribuído a diferentes espaços educacionais, considerando como se sentem e agem nesses espaços e o que pensam sobre eles.

Para compreender essas possibilidades de expansão e transcendência, foram identificadas passagens nos discursos que revelavam, por exemplo, momentos de proximidade e distanciamento do sujeito no espaço.

“... fico enfiada em uma biblioteca ou até mesmo em casa rodada de livros”.(C)

“E quando eu entro na sala de leitura eu penso que é uma biblioteca...” (E)

Entendo que, nesse momento, por ser a biblioteca um espaço especialmente significativo para C e E, descrevem que mesmo estando em outro espaço físico, imaginam-se em uma biblioteca, por se sentirem bem. Para explicar melhor, utilizo as palavras de Forghieri,

(...) posso encontrar-me, de fato, num lugar e sentir-me distante dele e próxima de outro, que se encontra muito longe fisicamente, mas, ao qual sinto-me ligada naquele momento. Assim sendo, o “ver”, sob um prisma vivencial, tem um sentido amplo e, de certo modo, paradoxal, pois pode referir-se ao meu campo perceptual atual como ao meu “mundo”, que abrange uma ampla gama de percepções e significados aquém e além do meu ambiente físico. (2004, p.45)

Em outras passagens dos discursos, nos quais os espaços educacionais referidos foram compreendidos como menos significativos, aparece o que Forghieri denomina de vivência do espaço com familiaridade ou estranheza.

“Já a sala de aula é onde me sinto menos a vontade.” (B)

“Eu particularmente sinto ne um lugar qualquer com poucas diferenças...” (D)

“...quando eu estou na sala de leitura, eu me sinto bem melhor do que na sala de aula.” (E)

(...) posso sentir-me acolhida e à vontade no ambiente em que me encontro num dado momento, ou uma estranha num lugar que ignoro e no qual não sei como se situar. (2004, p.46)

Compreender o espaço no sentido fenomenológico foi fundamental para enxergar a essência do fenômeno. Pois, as categorias encontradas nesta pesquisa são permeadas por esta compreensão.

Considerando as convergências encontradas nos discursos dos sujeitos da pesquisa é possível afirmar que os significados atribuídos pelos adolescentes a

diferentes espaços educacionais podem ser entendidas por meio da compreensão da percepção de espaço segundo Merleau-Ponty ¹⁷, quando afirma que o espaço e o tempo encontram-se imbricados numa determinada relação de reciprocidade. O tempo nasce e se constitui das relações sucessivas com as coisas no espaço. Essas relações podem ser passadas ou futuras e o espaço permanece presente na contemporaneidade da consciência. As localizações dos espaços são delimitações que possibilitam relações de comunicação entre os seres humanos e que a partir daí são significados de diferentes maneiras, considerando a individualidade de cada ser por meio da intersubjetividade. Com isso, ocorrem transformações e mudanças individuais e coletivas.

Fica claro aqui, que para os sujeitos da pesquisa, espaço educacional significativo é aquele onde o sujeito pode significar sua vivência. Espaço que transcende os limites geográficos, que transforma os locais em espaços ressignificados pela consciência do vivido. Espaço onde a conjugação verbal se faz em todos os tempos simultaneamente. Onde o passado e o futuro encontram-se presentes na contemporaneidade própria de cada sujeito.

4.3. Abordagem Educacional e Psicopedagógica

Os espaços foram lembrados e significados de maneiras diferentes, à medida que apresentavam suas vivências, ora mais, ou menos significativas, porém marcantes por serem lembrados. O que ficou bem claro é que o espaço lembrado incluiu sempre a educação e a aprendizagem.

Por isso, outras considerações encontram-se relacionadas à aprendizagem, considerando os significados encontrados nos discursos dos sujeitos pesquisados. Para entender melhor é necessário um esclarecimento de alguns conceitos sobre

¹⁷ Maria Aparecida Viggiani BICUDO e Vitória Helena Cunha ESPÓSITO. Joel Martins...Um seminário avançado em fenomenologia, p. 143.

aprendizagem e educação, encontrados em Sara Paín¹⁸. Para a autora o processo de aprendizagem se inscreve na dinâmica da transmissão da cultura, esta transmissão de cultura é a educação. A Educação, segundo Sara Paín, possui quatro funções interdependentes, aqui apresentadas resumidamente:

- a) Função mantenedora da educação: reproduzir em cada indivíduo o conjunto de normas e condutas culturais para garantir a continuidade da espécie humana por meio da aprendizagem, e com isso, permitir a construção histórica desta humanidade.
- b) Função socializadora da educação: tornar o sujeito dependente do conjunto de regras e condutas sociais criadas e estabelecidas para garantir o convívio em sociedade, transformando o indivíduo em sujeito social.
- c) Função repressora da educação: servir como instrumento de controle e de reserva do conhecimento para conservação de limitações e poder de determinadas classes sociais.
- d) Função transformadora da educação: mobilizar expressões revolucionárias, ou melhor, contrários às formas de doutrinação e manutenção de poder.

Ao apresentar estas quatro funções da Educação, Sara Paín, assim as resume:

Em resumo, em função do caráter complexo da função educativa, a aprendizagem se dá simultaneamente como instância alienante e como possibilidade libertadora. (1985, p.12)

Pensando nas funções que a educação pode assumir e como se dá aprendizagem, sempre, considerando sua complexidade, ficam evidenciados outros aspectos das convergências aqui elencadas.

¹⁸PAÍN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1985.

Os pensamentos e impressões revelados nos discursos dos sujeitos sobre os espaços especialmente significativos nos falam principalmente que são lugares de leitura e ambientes de permanência, por serem lembrados como espaços prazerosos, onde a aprendizagem acontece de forma abrangente, ampla, integral, ou seja, propiciando bem estar físico, intelectual e emocional.

Espaço de leitura pode ser pensado e entendido como espaço de acesso ao conhecimento. Conhecimento que pode estar registrado nos objetos e pessoas que compõem o lugar, como os livros, a professora. Espaço de memórias, de criação, de diversidade de opiniões, ou melhor, espaço de autoria de pensamento. Espaço de construção e registro do conhecimento. Espaço de apropriação do velho para construção do novo. Espaço para historiar-se.

Aprender supõe um reconhecimento da passagem do tempo, do processo construtivo, o qual remete, necessariamente, à autoria. (...) Aprender supõe, além disso, um sujeito que se historia. Historiar-se é quase sinônimo de aprender, pois sem esse sujeito ativo e autor que significa o mundo, significando-se nele, a aprendizagem irá converter-se na memória das máquinas, ou seja, em uma tentativa de cópia. (Fernández, 2001, p.68)

O espaço especialmente significativo também é um ambiente de permanência, onde o prazer dessa permanência é revelado nos sentimentos e emoções sentidas nesses espaços. São ambientes onde os sujeitos sentem bem-estar, se sentem plenos, tranquilos, realizados, motivados para aprender.

O corpo sente o bem-estar, a mente reflete este bem-estar na aprendizagem e as emoções revelam os segredos do corpo que sente. Sara Paín, fala do organismo transversalizado pelo desejo e pela inteligência. Ela também confirma uma corporeidade na aprendizagem, onde o aprender implica em considerar o organismo, corpo, inteligência e desejo.

As emoções e os sentimentos dos adolescentes revelam manifestações corporais, expressas no sentimento de bem estar físico e no desejo de permanecer em

ambientes acolhedores, onde podem relaxar, parar para pensar, fazer escolhas e aprender.

Os sentimentos expressos, principalmente o de bem-estar revelam uma busca de prazer nos processos de aprendizagem. De acordo com esta afirmação, se sentir bem em um ambiente educacional favorece a uma aprendizagem mais prazerosa.

Desde o princípio até o fim, a aprendizagem passa pelo corpo. Uma aprendizagem nova vai integrar a aprendizagem anterior; ainda quando aprendemos as equações de segundo grau, temos o corpo presente no tipo de numeração e não se inclui somente como ato, mas também como prazer; porque o prazer está no corpo, sua ressonância não pode deixar de ser corporal, porque sem signo corporal de prazer, este desaparece. (Fernández, 1991, p.59)

A aprendizagem passa primeiramente pelo corpo. O corpo sente para aprender. E é desse se sentir bem que os sujeitos adolescentes falam. Quando sentem bem-estar também se sentem livres e motivados para aprender nos espaços especialmente significativos.

Quando os sujeitos pesquisados revelam as impressões e pensamentos sobre os espaços educacionais potencialmente significativos é percebido que na maioria dos discursos os sujeitos significam esses espaços como sendo possibilitadores de conhecimento; lugares valiosos; preparatórios para o futuro; ambiente de formação; de acessibilidade e respeito.

Os adolescentes revelam esperança nesses lugares ao sentirem respeito, impulso para conhecer e aprender ou mesmo quando se sentem indignados com as condições do ambiente. A esperança consiste em acreditar que estão tendo, terão ou poderão ter uma base para uma vida melhor.

Em primeiro lugar, a esperança é uma maneira de viver no futuro de forma aberta. Na esperança, o futuro não está limitado ou restringido pelo passado; (...) Em segundo lugar, a esperança conduz a um futuro contínuo com o presente no sentido prático. As decisões que tomo

neste momento são significativas em virtude de sua relação prática com um futuro entendido como possível, embora não inevitável. (...) Em terceiro lugar, a esperança cria um futuro contra o horizonte de um passado expandido, um passado cuja riqueza e complexidade renovam continuamente as significações e opções relativas ao futuro. (Keen, 1975, p.72).

Os pensamentos e impressões sobre os espaços educacionais revelados como sendo menos significativos, se mostraram apenas em alguns discursos, não abrangendo a totalidade dos sujeitos pesquisados, revelando idiossincrasias. São lugares pensados como problemáticos e que necessitam de mudanças; são ambientes contrários ao bem-estar.

Qualquer pessoa, ao entrar em uma escola hoje, após ter passado 10 ou 20 anos afastada dessa instituição, perceberá que o cenário permanece quase idêntico ao que fora no passado, embora a dramática em jogo seja completamente diferente. (Fernández, 2001, p. 118)

A dramática em jogo é que marca o espaço como sendo contrário ao bem-estar. O cenário e as personagens que compõem os espaços educacionais podem permanecer inalterados, estáticos, presos ao sistema que os regem. Mas, o vivido neste espaço e além dele é muito maior e mais significativo para representá-lo.

Os sentimentos e emoções revelados também foram restritos a alguns discursos. Os sentimentos são de mal-estar, incompreensão e indiferença. Sendo assim, os espaços educacionais menos significativos se apresentaram como espaços contrários ao prazer na aprendizagem. Isto significa, espaços prejudiciais à construção do conhecimento; espaços nocivos para liberdade de pensar; espaços geradores de aborrecimento.

5. REFLEXÕES PSICOPEDAGÓGICAS

A aprendizagem para os sujeitos da pesquisa se dá especialmente e potencialmente em ambientes de bem-estar físico, emocional e psíquico. Entendo que esses ambientes são espaços acolhedores, onde o conhecimento está disponível e a aprendizagem ocorre de forma prazerosa, sem imposições ou exhibições. Espaços onde os sujeitos se sentem por inteiro, sujeitos integrados e integrais. Ou melhor, se sentem parte e todo. Valorizados na sua forma de sentir, pensar e agir.

Sabemos que para aprender é necessário um *ensinante* e um *aprendente* que entrem em relação. Isto é algo indiscutível quando se fala de métodos de ensino e de processo de aprendizagem normal; não obstante, costuma-se esquecê-lo quando se trata de fracasso de aprendizagem. Aqui pareceria, então, que só entra em jogo o aprendente que fracassa. Como se não pudesse falar de ensinantes ou de vínculos que fracassam ou produzem sintomas. Por ensinantes entendo tanto o docente ou a instituição educativa, como pai, a mãe, o amigo ou quem seja investido pelo aprendente e / ou pela cultura, para ensinar. (Fernández, 1991, p.33)

Para justificar esta relação, utilizo o pensamento de Sara Paín quando retrata *que não se aprende com qualquer um, aprende-se daquele que está no lugar do conhecimento*. Isto é aprendizagem.

Pautada em Sara Paín, entendo que o papel da escola, ou dos espaços educacionais é oferecer um modelo de aprendizagem em que o sujeito se interesse por conhecer. Espaços educacionais acolhedores, acolher no sentido de receber com agrado, alegria, satisfação.

Espaços educacionais acolhedores podem ser pensados como espaços onde haja um ensinante que olhe para um aprendente e que seja capaz de encontrar-se com este, num terceiro objeto, ou melhor, no conhecimento. Partindo de uma relação dual e transformá-la numa relação a três.

Na minha experiência educacional, vejo que os sujeitos adolescentes buscam esses espaços no ambiente educativo. E quando encontram espaço para vivenciarem a aprendizagem da forma buscada conseguem se mostrar diferentes do estigma “aborrescentes”.

Entre ensinar e aprender abre-se um espaço. Um campo de autoria, de diferenças. Aprender é a - prender, ou seja, não-prender. Dês – prender e desprender-se. (Fernández, 2001, p.34)

Penso que os espaços significados pelos adolescentes pesquisados como espaços especialmente e potencialmente significativos são espaços de autoria. Pois os sentimentos e pensamentos revelados sugerem esta leitura.

Quando dizem que se sentem bem, livres, completos, tranquilos, realizados, motivados, também revelam que sentem prazer e desejam permanecer nesses espaços. Penso que são espaços criados e imaginados para autoria do pensar.

Os sentimentos caminham junto com os pensamentos. Não há sentir sem pensar, como também não há pensar sem sentir.

O pensamento não pode ser autônomo, definir suas próprias normas desvinculadas do desejo e da dramática inconsciente, já que o pensar ancora-se no desejar.

(...) Permite aos desejos sair a navegar. Claro que há lugares onde a profundidade das águas não permite ancorar. Há circunstâncias em que o barco só pode navegar. Pensar supõe entrar nos desejos, vendo o possível e o impossível, para depois poder trabalhar na direção de fazer provável algo do possível. E todo esse movimento é acompanhado pela possibilidade de eleger e de decidir. (Fernández, 2001, p.91)

Os adolescentes ao falarem como se sentem nesses espaços também mostram que pensam que esses espaços são possibilitadores do pensar. Espaços onde estabelecem relações de confiança, onde podem se reconhecer e reconhecer o outro. Pensam que são espaços valiosos, acessíveis, de bem estar, enfim, onde podem

pensar e aprender. São esses espaços que buscam encontrar nos diferentes espaços educacionais.

Para conseguir que as crianças e os adolescentes possam encontrar nas escolas um lugar de reflexão, precisamos trabalhar com o objetivo de que os mestres, professores e profissionais na educação, através dos laços solidários entre eles, consigam algo de autonomia como pessoas e de autoria de pensamento. (Fernández, 2001, p.92)

O que os adolescentes buscam, penso que também pode ser entendido como espaços que os parem e que os façam pensar com autonomia. A autoria do pensamento é possibilitadora de autonomia. O ser humano para assumir sua condição humana e construir sua história necessita pensar, ser autor e ator da sua vida, assumido as responsabilidades que o pensar inclui.

Na pesquisa, alguns sujeitos também revelaram sentir mal-estar em alguns espaços lembrados, àqueles identificados como menos significativos. Também pensam que são lugares que causam mal-estar, ambientes de incompreensão e que precisam ser modificados.

Percebo que os adolescentes se mostram aborrecidos, ou se sentem mal, incompreendidos, quando não encontram espaços que possam vivenciar momentos de encontro com o conhecimento da maneira que buscam, desejam...

O caráter subjetivo da aprendizagem muitas vezes é esquecido; certos professores e pais pretendem despertar o desejo de aprender de seus alunos e filhos, apelando para “estudar é necessário para se obter um bom trabalho”, “para ganhar dinheiro” ou “para ser reconhecido socialmente”. Assim, desmente-se o que, lamentavelmente, a sociedade atual oferece e, o que é mais grave, desvirtua-se o ato e o objeto de aprender, deixando muitas crianças e adolescentes fora da possibilidade de reconhecer seu próprio desejo de aprender. (Fernández, 2001, p.29).

Acredito que os sujeitos pesquisados quando relatam que os espaços lembrados como sendo menos significativos precisam de mudanças, nutrem o desejo de construir espaços onde possam ser reconhecidos como seres plenos, multidimensionais, complexos, respeitados no seu desejo e direito de pensar.

Mas do que ensinar (mostrar) conteúdos de conhecimento, ser ensinante significa abrir espaço para aprender. Espaço objetivo-subjetivo em que se realizam dois trabalhos simultâneos:

- a) Construção de conhecimentos;
- b) Construção de si mesmo, como sujeito criativo e pensante.

Os pais e os professores, como primeiros ensinantes, podem nutrir e produzir nas crianças esses espaços, nos quais o aprender é construtor de autoria de pensamento, ou ainda perturbá-los e até destruí-los. (Fernández, 2001, p.30).

Pensando assim, posso ousar parafrasear Winnicott, para dizer que os sujeitos desejam encontrar um espaço “*suficientemente bom*”. “*Espaço suficientemente bom*” dentro do ambiente escolar seria um espaço acolhedor. Espaço que possa amparar e acolher o sujeito, sendo flexível o suficiente para acompanhá-lo no percurso oscilante para maturidade e autonomia.

Se um menino ou uma menina aprende a caminhar não é porque tenha pernas, mas porque seus pais desejam que ele /ela caminhe e o / a consideram capaz de caminhar. Quando nossos filhos caminham sozinhos, podem até “escapar” e ir para onde não podemos controlá-los; no entanto, mesmo sabendo disso, continuamos desejando que aprendam. Antecipamos que deixarão de necessitar de nós, que não precisarão mais que o levemos no colo e, ainda assim, promovemos a aprendizagem de caminhar. Isso quer dizer que ensinamos nosso filho a caminhar. (Fernández, 2001, p.30).

Pude observar na pesquisa que os sujeitos adolescentes buscam espaços para “escapar”, mas que desejam continuar sendo cuidados. Ao mesmo tempo em que buscam liberdade, ou seja, o direito de perambular, também querem se sentir seguros quando necessitarem ancorar. Ancorar para pensar; escolher e decidir sobre outros mares que vislumbram descobrir. Partir sempre para novos conhecimentos, novos desafios, novas conquistas.

Não encontrando os espaços desejados, àqueles em que podem confiar e ancorar, os aprendentes então, julgam que os espaços lembrados como sendo menos significativos são geradores de mal-estar, ou seja, causadores de aborrecimento.

Observei que o aborrecimento não é somente um adjetivo, mas também pode adquirir um caráter substantivo. Isto é, o problema de aprendizagem, às vezes, acompanha, mostra-se ou até pode nascer no ou a partir do aborrecimento. (Fernández, 2001, p.173)

O mal-estar não é privilégio do ambiente escolar, acredito que a escola serve apenas para refletir ou perpetuá-lo. Estamos constantemente sendo invadidos por este mal-estar que assombra a cultura atual, causando danos à saúde e a qualidade de vida de todos nós.

O sintoma mais doloroso, já constatado há décadas por sérios analistas e pensadores contemporâneos, é um difuso mal-estar da civilização. Aparece sob o fenômeno do descuido, do descaso e do abandono, numa palavra, da falta de cuidado. (Boff, 1999, p.18).

Hoje há várias formas de mal-estar, produzidas entre outras coisas pelas características que vem tomando o avanço da telemática (que por si não é negativo, caso pudesse ser uma riqueza para a humanidade) imersa em uma sociedade consumista, dominada pelas leis de mercado e por seus valores éticos. (Fernández, 2001, p.118).

Estamos expostos aos meios de comunicação que “vomitam” as informações, evitando a reflexão e a crítica. São informações fragmentadas ou exibidas em forma de espetáculos que congelam os expectadores, tornando-os prisioneiros da informação, afastando o conhecimento.

O excesso, a fragmentação e a exibição da informação encobrem, evitam ou até podem anular a possibilidade de conhecer. (Fernández, p.131, 2001).

O aprisionamento do pensar é traduzido por meio de sintomas, como por exemplo, o aborrecimento. E o mal-estar produzido pela sociedade da informação, onde tudo é rápido, instantâneo ou excessivo, instala-se e cria fissuras, empobrecendo a espontaneidade e impedindo o pensar. Nas palavras de Alicia: *“O sujeito vai perdendo seu desejo de conhecer à medida que perde o “ímpeto” de aprender ... “ O aborrecimento ocupa o lugar de desejar-conhecer. O aborrecimento... instala-se e cala os pensamentos”.*(2001, p.173)

A escola, como função social pode servir como espaço de reflexão ou perpetuação desse espetáculo aprisionador e gerador de aborrecimento. A diferença está no grupo que constrói o espaço educacional.

Lamentavelmente, às vezes, até os bons professores atuam de modo similar, quando, ao tentar que seus alunos não se aborrecam, buscam “motivar”, entretê-los com algum elemento técnico, omitindo o principal, que é perguntar-se como ensinar sem eles mesmos se aborrecerem. Quando o professor não se aborrece ao ensinar, raramente o aluno se aborrecerá. (Fernández, 2001, p.131)

Parece que os sujeitos pesquisados desejam um espaço que os libertem do tédio, do aborrecimento, lugares onde possam sentir vontade de aprender de forma calma e acessível, onde possam se sentir bem, sem que para isso precisem estar diante de espetáculos.

O entusiasmo por aprender não está ligado com artimanhas, mas com poder despertar a capacidade de assombro enferrujada pelo aborrecimento e interditada pela queixa. (Fernández, 2001, p.131)

Quando o professor procura indagar quais são as teorias com as quais seus alunos contam para explicar questões como *por que a lua não cai*, talvez possa abrir um espaço que permita ao aluno indagar além da presença e da demanda do professor.

Para o professor – e mais ainda para o psicopedagogo – é imprescindível um ambiente que sugira coisas sem imposição. (Fernández, 2001, p.132)

Quando o ensinante consegue se conectar com o conhecimento, sem escondê-lo ou exibi-lo e melhor, quando consegue transitar entre sujeito aprendente e ensinante¹⁹, consegue ensinar, e a aprendizagem se dá de forma saudável.

Somente se o ensinante ao mesmo tempo “mostra e guarda”, o aprendente poderá conectar-se com o desejo de conhecer, elegendo e selecionando de acordo com sua história aqueles conhecimentos que poderão articular-se com seu saber. (Fernández, 2001, p.113)

Percebo que é esta a aprendizagem desejada pelos adolescentes. Desejam aprender de forma que possam significar suas vivências, ultrapassando o caráter utilitário dos espaços educacionais. Aprender construindo suas subjetividades, inscrevendo-as na realidade escolar. Com isso, esses espaços podem ser construtores de outras realidades possíveis...Uma *desadaptação criativa*.

A inteligência é uma das fontes de singularidade e potência criadora. Se nós, humanos, somos criativos, é porque temos uma inteligência corporizada que, atravessada pelo desejo, pode equivocar-se e tentar outra vez. Nessa suposta carência reside sua grande potência. (Fernández, 2001, p.80).

¹⁹ O conceito de sujeito aprendente constrói-se a partir de sua relação com o conceito de sujeito ensinante, já que são duas posições subjetivas, presentes em uma mesma pessoa, em um mesmo momento. Além disso, o aprender acontece a partir dessa simultaneidade. (Fernández, 2001, p.55).

É precisamente na desadaptação que se nutre o desejo de conhecer e nasce a necessidade de perguntar (ao mesmo tempo, fonte e substância do pensar) Digo *desadaptação criativa*, já que a inteligência permite ao sujeito não só a inserção na realidade, mas também a intervenção de outras realidades possíveis. (Fernández, 2001, p.81).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha pesquisa foi pautada em inquietações advindas de queixas de educadores que trabalhavam diretamente com adolescentes. O estigma “aborrescente” me chamou muita atenção porque trabalhava com esse público e não encontrava sentido para esta marca.

A princípio, por trabalhar em um Laboratório de Informática, pensei que os computadores eram o principal atrativo do projeto e isto poderia estar dificultando o meu olhar, por se tratar de um público conectado com a tecnologia. Porém, aos poucos, fui percebendo que não eram as máquinas que atraíam os adolescentes para o espaço do Laboratório de Informática.

O espaço do Laboratório de informática foi apenas o “locus” para o despertar de inquietações. Estas inquietações me fizeram viajar para outros mares e conhecer a Fenomenologia e refletir com a Psicopedagogia à procura do sentido dessas inquietações. Não pretendia encontrar respostas e sim dar sentido aos meus incômodos.

Busquei compreender os significados atribuídos pelos adolescentes a diferentes espaços educacionais para tentar dar sentido às minhas inquietações de pesquisadora preocupada em encontrar caminhos que possam ser compartilhados por outros profissionais preocupados com a Educação.

Considero que os significados encontrados me revelaram sentimentos e pensamentos que a princípio eram conhecidos por mim, mesmo que intuitivamente. Por estar envolvida em um projeto é inevitável o sentimento de empatia.

Mas, outros significados foram sendo revelados na realização da pesquisa, pelo rigor do estudo, pelo distanciamento necessário e pela transcendência reflexiva que a Fenomenologia sugere.

Ter consciência das minhas inquietações, consciência no sentido que a Fenomenologia entende, ou seja, consciência como intencionalidade, foi fundamental para compreensão do fenômeno. À medida que tomamos consciência daquilo que pretendemos, abre-se cada vez mais um campo de significados.

E é esse leque de significações que enriquece e contribui para aumentar as possibilidades de compreensão dos diversos fenômenos que se revelam no cotidiano do universo escolar.

Volto a afirmar, a pretensão desse trabalho é abrir possibilidades, reflexão, novas inquietações...Enfim, caminhos que possam ser úteis para compreensão de alguns dos fenômenos educacionais, neste caso, o sentido de espaço educacional.

Em que a Educação e a Psicopedagogia podem contribuir para propiciar espaços especialmente e potencialmente significativos para os adolescentes, conforme o resultado da investigação? Como podemos perceber na pesquisa, são estes os espaços lembrados e significados como sendo propícios para uma aprendizagem saudável, livre do mal-estar e do aborrecimento.

Acredito que a Educação possa contribuir pensando em como propiciar espaços acolhedores, que cuidem desses sujeitos adolescentes, espaços “suficientemente bons” dentro do ambiente escolar que possibilitem uma aprendizagem saudável. Mas para que isso aconteça, precisamos prioritariamente de “professores suficientemente bons”.

Poder ser um professor “suficientemente bom” não se consegue com técnicas ou em cursos. Requer um trabalho constante consigo mesmo para construir uma postura, um posicionamento como aprendente, o qual resultará em modos de ensinar. Um bom ensinante é um bom aprendente. A difícil tarefa do professor ou da professora pode tornar-se prazerosa quando almeja fazer consigo mesmo o que propicia aos outros. (Fernández, 2001, p.36).

Percebi ainda, que os adolescentes pesquisados “clamam” para serem acolhidos nos espaços educacionais. Para isso, penso que seja necessário que a Educação invista em cuidados com os ensinantes para que estes possam cuidar dos aprendentes e vice-versa. Cuidado no sentido que Leonardo Boff traduz:

Cuidar é mais que um ato; é uma atitude. Portanto, abrange mais que um momento de atenção, de zelo e de desvelo. Representa uma atitude

de ocupação, preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. (Boff, 1999, p.33).

Mas, para que isso ocorra é necessário primeiramente que a Educação recupere seu caráter prioritário que é o de humanização. É claro que é muito difícil lutar contra uma sociedade que apela para o contrário. O desafio está posto e a Educação deve assumir sua função transformadora.

Concordo com Alicia Fernández quando diz que hoje é imprescindível recuperar a alegria como modo de estabelecer espaços onde a autoria de pensamento possa tornar-se forte. Alicia faz esta proposta por entender que estamos vivendo numa sociedade que produz uma sensação de catástrofe, onde cada cidadão só existe como consumidor solitário e a mercê das intempéries.

Parece que os espaços educacionais podem funcionar como uma rede de proteção. Por isso, investir na construção de espaços onde as vivências possam ser significadas como experiências, positivas e construtoras de seres humanos mais conscientes, responsáveis e “donos” do seu pensar, parece ser um dos caminhos apontados nesta pesquisa.

Para Alicia,

O pensar acontece em um espaço “entre”, entre o sujeito e o pensável. A alegria, como um posicionamento, como uma atitude, abre esse espaço. Por isso, tanto a educação quanto a psicopedagogia precisam construir (em relação à primeira) e chamar (em relação à segunda) para a alegria. (2001, p.123).

O espaço de autoria é o espaço de aprender e de ser alegre. Alegre no sentido de estar vivo, consciente e disposto a construir sua história. Quanto sinto alegria, me sinto bem. E é este bem-estar que os sujeitos adolescentes buscam, conservando a esperança de encontrá-lo. Alicia diz que *da alegria, nasce a esperança...A alegria permite sustentar os momentos de desilusão sem perder a esperança.*(2001, p.123)

Voltando ao projeto alunos monitores do qual nasceu esta pesquisa, posso afirmar que pude perceber mais claramente a contribuição positiva que este projeto

propiciou. Contribuiu no sentido de oferecer espaços para construção da autoria. A autoria foi sendo construída e almejada através da participação do adolescente em um grupo que ficou responsável pelo protagonismo juvenil.

Alicia fala que o grupo é possibilitador de alegria. Pelas interações que acontecem abrem-se espaços de autorização do pensar. É o encontro consigo mesmo, possibilitado pelo olhar do outro.

Além disso, pude sair da posição de professora de informática e me colocar como coordenadora grupal e assim viver intensamente a experiência de poder aprender e ensinar simultaneamente.

É deste movimento criador de espaços possibilitadores da potência criativa que me refiro e que encontro sentido para minhas inquietações. A escola pode abrir esses espaços, basta assumir o compromisso de acreditar na capacidade criativa e transformadora do ser humano.

Na escola, abre-se um espaço riquíssimo para utilizar a pulsão de domínio, o prazer do desafio, tanto na criatividade quanto no debate das idéias. Por sua vez, é no espaço grupal que isso é possível para os professores e alunos: resgatar a alegria de pensar juntos. (Fernández, ,2001, p.125).

Para concluir esta pesquisa quero salientar a importância da experiência de satisfação vivida durante todo o processo de realização. Tive a oportunidade de viver a experiência de sentir nascer a alegria de poder pensar sobre o meu pensar.

Exercitar minha postura de aprendente – ensinante diante de alguém que considero muito sábia, desencadeou em mim alguns temores. Enfrentar os temores que foram surgindo foi colocado como um desafio.

Mas, ao mesmo tempo em que temia, também me sentia alegre por estar enfrentando o desafio de fazer uma pesquisa dentro de um campo, que a princípio era totalmente desconhecido para mim, a Fenomenologia.

Os encontros de orientação da monografia me gelavam e me alegravam. O corpo tremia, as mãos gelavam, o coração palpitava...Mas, eu desejava sentir tudo isso. Eu havia escolhido fazer esta pesquisa. Sentia-me forte para enfrentar o desconhecido,

mesmo quando não entendia muito bem, sabia que em outro momento entenderia, era questão de tempo e espaço...

Então, a pesquisa revelou que os significados atribuídos pelos sujeitos adolescentes a diferentes espaços educacionais mostraram que o fundamental para que aconteça uma aprendizagem saudável e a construção da autoria de pensamento é o espaço criado no ambiente educacional.

E aqui está o segredo para superação dos meus medos. O espaço criado entre mim e a orientadora deu suporte para que eu fosse ao encontro de conhecer a Fenomenologia e dissesse: “Muito prazer, meu nome é Maria Emiliana e sou uma pesquisadora.”

Como pesquisadora, posso me atrever a errar para acertar... Lançar-me a campo para desvelar fenômenos. Questionar-me, pensar sobre o pensar dos outros e sobre o meu pensar...

E assim, pude concluir esta pesquisa e finalizar esta monografia com a certeza de que sou uma navegante à procura de portos seguros, como o que tive na orientação desta monografia. Portos seguros onde possa ancorar meu barco pesquisador e continuar descobrindo novos horizontes.

Assim como os sujeitos adolescentes, que revelaram para mim, a busca do porto seguro, para poderem navegar sem a insegurança de naufragar a qualquer momento, entregues à sorte dos oceanos. Procuram onde ancorar seus barcos. Pequenas embarcações, mas com ricas experiências que podem ser compartilhadas, consideradas e acrescentadas.

Quando encontram um porto seguro, conseguem superar seus medos, suas angústias e utilizar sua agressividade saudável para conquistar outros mares. Podem escolher, decidir por si, mas com o outro. Podem pensar com calma, com segurança, pois sabem que estão ancorados, preparando-se para novamente enfrentar as turbulências ou a calmaria dos oceanos.

Assim como na música interpretada por Tim Maia:

Uma luz azul me guia
Com a firmeza e os lampejos do farol
E os recifes lá de cima
Me avisam dos perigos de chegar

Angra dos Reis e Ipanema
Iracema, Itamaracá
Porto Seguro, São Vicente
Braços abertos sempre a esperar

Pois bem, cheguei
Quero ficar bem à vontade
Na verdade eu sou assim
Descobridor dos sete mares
Navegar eu quero

Uma lua me ilumina
Com a clareza e o brilho do cristal
Transando as cores dessa vida
Vou colorindo a alegria de chegar

Boa Viagem, Ubatuba
Grumari, Leme e Guarujá
Praia Vermelha, Ilhabela
Braços abertos sempre a esperar

Pois bem, cheguei
Quero ficar bem à vontade
Na verdade eu sou assim
Descobridor dos sete mares
Navegar eu quero sim

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. Estórias de quem gosta de ensinar. O fim dos vestibulares. Campinas, SP: Papirus, 2000.
- AMATUZZI, Mauro Martins. A investigação do humano:um debate.. Estudos de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol. 11, nº 3, p. 73-77,1996.
- AMATUZZI, Mauro Martins. Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. Estudos de Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Campinas, vol. 13, nº 1, p. 5-10,1996.
- BICUDO, Maria Aparecida V.;ESPÓSITO, Vitória Helena C. Pesquisa Qualitativa em Educação: Um Enfoque Fenomenológico : Unimep, 1994.
- BICUDO, Maria Aparecida V. e ESPÓSITO, Vitória Helena C. (orgs). Joel Martins...um seminário avançado em fenomenologia. São Paulo: EDUC, 1997.
- BOFF, Leonardo. Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa. 2ª edição. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1986.
- FERNÁNDEZ, Alícia. O Saber em Jogo: a psicopedagogia propiciando autorias de pensamento. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. A Mulher Escondida na Professora. Uma Leitura Psicopedagógica do Ser Mulher, da Corporalidade e da Aprendizagem. Porto Alegre, RS:Artmed, 1994.
- _____. Inteligência Aprisionada. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- _____. Os Idiomas do Aprendiz. Porto Alegre, RS:Artmed, 2001

_____. Psicopedagogia em Psicodrama. Morando no brincar. 5ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FORGHIERI, Yolanda Cintrão. Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

FRANÇA, Carlos. Psicologia Fenomenológica: uma das maneiras de se fazer. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro Salles. Dicionário da Língua Portuguesa. 1ª edição. Rio de Janeiro. Editora Objetiva, 2001.

KEEN, Ernest. Introdução à Psicopedagogia Fenomenológica. Rio de Janeiro. Interamericana, 1975.

LAURENTI, Roseli Bacili. Psicopedagogia: um modelo fenomenológico. 1ª edição. São Paulo: Vetor, 2004.

LOPES, Guimarães. Fenômeno e sintoma. Fenomenologia e Psicologia. Actas das 1as. Jornada de Psicologia e Psicopatologia Fenomenológicas e Existenciais. ISPA, Lisboa, 23 e 24 de novembro de 1990.

MELO, Maria Lúcia de Almeida. Subjetividade e conhecimento: Miradas Psico (pedagógicas). São Paulo: Vetor, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da Percepção. 1ª edição em Língua Portuguesa. Trad. Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro, RJ: Freitas Bastos, 1971.

PAÍN, Sara. Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem. Porto Alegre, RS: Artmed, 1985.

PIAGET, Jean. Seis Estudos de Psicologia. 24ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ANEXOS

Sujeito A
14 anos

Procure se lembrar dos espaços educacionais que você frequenta: sala de aula, sala de leitura, sala de informática e outros que são significativos para você. Descreva como você percebe esses espaços, o que pensa sobre eles, como se sente neles, como age quando neles se encontra, enfim, o que significam para você esses espaços.

Eu percebo que é lugar significativo para mim quando me sinto bem nele quando quero passar mais tempo lá como na Biblioteca me sinto bem, completa por estar com os livros, fico tranquila e realizada por estar lá, penso que na biblioteca é lugar de relaxar, ler, esperecer e se organizar tanto mentalmente como espiritualmente adoro o tempo que passo lá.

Sujeito B
14 anos

Procure se lembrar dos espaços educacionais que você frequenta: sala de aula, sala de leitura, sala de informática e outros que são significativos para você. Descreva como você percebe esses espaços, o que pensa sobre eles, como se sente neles, como age quando neles se encontra, enfim, o que significam para você esses espaços.

Todos eles são significativos, pois é eles que me preparam para uma vida melhor da que a alguns anos.

O mais significativo é o momento que me expresse como aluno monitor, porque coloco em prática as minhas ideias. Nesse momento me sinto muito bem, pois tento fazer dessa escola um lugar mais interessante para todos.

Na sala de aula é onde me sinto menos a vontade, porque não são todos os professores que conseguem ensinar com clareza.

A sala de leitura e informática não significa muito pra mim, pois frequento elas muito pouco e não tenho nada a dizer sobre elas, mais elas podem ser significativas quando eu aprender algo nelas.

Procure se lembrar dos espaços educacionais que você frequenta: sala de aula, sala de leitura, sala de informática e outros que são significativos para você. Descreva como você percebe esses espaços, o que pensa sobre eles, como se sente neles, como age quando neles se encontra, enfim, o que significam para você esses espaços.

Os espaços educacionais que eu frequento são normalmente biblioteca, sala de aula, sala de informática e outros.

Procuro ao máximo possível ter um bom comportamento nestes lugares, não falando palavrões, não gritando, não correndo e nem comendo nestes espaços.

Adoro ler por isso sempre que tenho tempo fico enfiado em uma biblioteca ou até mesmo em casa, lendo de livros.

Falar destes espaços para mim é satisfatório pois eu não tiro só a mim mas também a todos que se interessam muito conhecimento.

Procure se lembrar dos espaços educacionais que você frequenta: sala de aula, sala de leitura, sala de informática e outros que são significativos para você. Descreva como você percebe esses espaços, o que pensa sobre eles, como se sente neles, como age quando neles se encontra, enfim, o que significa para você esses espaços.

sala de aula: eu penso que é um espaço de educação de deveria ser mais elaborado para que fosse mais interessante aprender e deveria haver mais disciplina. Eu particularmente me cinto ne um lugar qualquer com poucas diferenças eu simplesmente ~~faço~~ faço minha lição depois se tenho algo para fazer faço se não tenho ~~eu~~ fico quieto na minha, enfim esse lugar é a onde estão meus colegas e onde eu mais aprendo.

Procure se lembrar dos espaços educacionais que você frequenta: sala de aula, sala de leitura, sala de informática e outros que são significativos para você. Descreva como você percebe esses espaços, o que pensa sobre eles, como se sente neles, como age quando neles se encontra, enfim, o que significa para você esses espaços.

Geralmente uso a sala de informática para pesquisar (quando necessário) os trabalhos da escola, respeito o espaço, e fico abismado com o que fazem naquela sala (ex: tiram os bolinhas do mouse e jogam futebol), acho que os alunos responsáveis pelo ocorrido deveriam ser punidos (ficando depois da aula entre outros)

Procure se lembrar dos espaços educacionais que você frequenta: sala de aula, sala de leitura, sala de informática e outros que são significativos para você. Descreva como você percebe esses espaços, o que pensa sobre eles, como se sente neles, como age quando neles se encontra, enfim, o que significa para você esses espaços.

Sala de leitura, ela passou por algumas reformas, ela tem muitos livros bons, o professor é bem legal, neste lugar fico bem livre para ler meus livros, pesquisar para trabalhos e etc...

Sala de informática a professora mudou mais ela é muito legal, neste espaço também me sinto livre para fazer o que é liberado, só me encomoda com os problemas dos computadores.

A sala de aula é um desastre tem gritaria pra todo lado, mas não tenho muito que reclamar dos professores, na sala de aula me sinto liberdade para falar o que quiser, perguntar e outras coisas.

A sala de artes, é outra, todo mundo grita, de respeito a professora e outras coisas, Mas, mesmo assim é legal este local.